



Universidade do Minho
Instituto de Educação

João Carlos Silva Felgueiras de Lima

**Tendências no uso dos Manuais Escolares
de História e de Geografia: Estudo de Caso**



Universidade do Minho
Instituto de Educação

João Carlos Silva Felgueiras de Lima

Tendências no uso dos Manuais Escolares de História e de Geografia: Estudo de Caso

Relatório de Estágio
Mestrado em Ensino de História e de Geografia do
3º Ciclo e Ensino Secundário

Trabalho Realizado sob a orientação da
Professora Doutora Isabel Barca
e do
Professor Doutor Francisco Costa

Outubro de 2010

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, ____/____/____

Assinatura: _____

Agradecimentos

À Professora Doutora Isabel Barca, pela disponibilidade incessante e pela colaboração na apreciação de dados, contributo fundamental para validação dos mesmos e por toda a orientação em geral que me deu.

Ao Professor Doutor Francisco Costa pela verificação dos dados de Geografia.

Às minhas orientadoras de estágio Isabel Lima e Fátima Marques, que sem elas todo o meu trabalho não seria possível de realizar.

A todos os professores que tive na Universidade do Minho que de alguma forma me ajudaram a chegar até aqui, mas sobretudo ao Professor Doutor Francisco Mendes que me fez tomar gosto pelos estudos académicos.

À minha família que tornou o meu projecto universitário possível e pelo apoio que me deram ao longo do tempo.

E agradeço sobretudo à Andreia que me apoiou, me incentivou, me fez companhia e teve paciência para comigo nos momentos mais difíceis e de “desamparo”. O meu muito obrigado.

Resumo

Este Relatório descreve um estudo caso que procura saber as principais tendências no uso dos manuais escolares de História e de Geografia de uma turma de 8º ano. As principais questões aqui apresentadas remetem-se aos tipos de fontes mais utilizados em sala de aula nas duas áreas, quais os recursos mais utilizados para desenvolver as aprendizagens dos alunos, que recursos os alunos mais gostam de trabalhar, e como se relacionam estes com os seus manuais escolares.

A recolha dos dados iniciou-se com as observações naturalistas das aulas e com a aplicação de questionários aos alunos. Pretendeu-se nesta recolha investigar que fontes apresentadas quer pelos manuais quer como recursos adicionais são normalmente mais utilizadas nas aulas de História e de Geografia, e quais os recursos mais utilizados para satisfazer as necessidades educativas. Por fim, nas entrevistas realizadas às docentes cooperantes das disciplinas procurou-se indagar as suas posições face às tendências no uso de fontes e recursos pedagógicos.

A análise dos dados focou, numa fase inicial e anterior à implementação do Projecto, excertos dos registos das observações naturalistas seleccionados em função das questões a investigar, e que mostraram exemplos de exploração do manual e quais os recursos mais utilizados em aula. Após esta etapa, analisaram-se as respostas dos alunos aos questionários, de forma quantitativa, onde se procurou obter respostas a algumas das questões do estudo.

A implementação do Projecto passou pela realização de fichas de trabalho nas duas áreas com vista à diversificação de fontes utilizadas nas salas de aula de História e de Geografia e pela adopção de novos recursos em contexto de aula apontados pelos alunos como pouco utilizados.

Os resultados sugerem que os alunos vêem o manual das duas disciplinas como a principal fonte de informação nas suas aulas e como seu principal guia curricular. Na área de História, confirmou-se que as fontes escritas, sobretudo fontes secundárias, e as fontes de mensagem convergente, são as mais empregues, ao passo que as iconográficas são mais usadas em Geografia.

Abstract

This Report describes a case study which aims to understand the main approaches to the uses of the history and geography textbooks in one 8th-grade class. The main research questions here presented deal with the types of sources more frequently employed in the teaching of both subjects, the more frequent resources used to develop the pupils' learning, the resources which the students prefer, and how the pupils relate to their textbooks.

Data collection started with naturalist observations' records of teaching and with a questionnaire to the pupils in each subject class. It was intended to investigate what sources displayed whether in the textbooks or in additional resources were usually most employed in the history and the geography classroom, and what resources were more used to meet the educational needs. Finally, the interviews to the teacher trainers aimed to inquire about their positions on trends of the use of sources and pedagogical resources.

Data analysis focused on record excerpts of the naturalist observations in an early phase prior to the Project implementation. Those records exhibited some examples of how the textbook was explored in class and what resources were more frequently used. Upon this phase, the pupils' responses to the questionnaires were analysed in a quantitative manner to look for answers to some of the research questions.

In the Project implementation some tasks were given to the pupils in the context of history and geography classrooms, having in mind a diversified use of sources and fresh resources in both subjects, pointed out by the pupils as rarely used in those teaching situations.

The results suggest that the pupils look at the textbook in both subjects as the main source of information and as their main curriculum guide. In the history area, written, mainly secondary sources, as well as those conveying convergent messages appeared to be more frequently used. In the geography area the iconic sources were those which appeared more often employed.

Índice Geral

Agradecimentos.....	ii
Resumo.....	iii
Abstract.....	iv
Índice geral.....	v
Índice de Quadros.....	vii
Introdução.....	1
Capítulo 1- Enquadramento Teórico.....	4
1.1- Enquadramento Teórico.....	5
1.2- Objectivos do Projecto.....	8
Capítulo 2- Referência aos manuais escolares.....	10
2.1- O Manual escolar: História, estatuto e funções.....	11
Capítulo 3- Metodologia de Investigação.....	15
3.1- Introdução.....	16
3.2- Descrição do estudo.....	16
3.3- Desenho do estudo.....	18
3.4- Caracterização da escola.....	18
3.5- Caracterização da turma participante.....	19
3.6- Técnicas e instrumentos de recolha de dados.....	20
3.7- Recolha de dados.....	24
3.8- Calendarização.....	26
Capítulo 4 – Análise de dados	27
4.1 Enquadramento metodológico	28
4.2 As observações naturalistas.....	29
4.3 Implementação.....	36
4.3.1- Os questionários.....	36

4.4-Estratégias.....	48
4.5 As Entrevistas.....	54
4.5.1- A entrevista à professora de História.....	54
4.5.2-A entrevista à professora de Geografia.....	56
4.6- Conclusão.....	57
 Capítulo 5- Reflexões finais.....	 59
5.1-Considerações acerca dos resultados do estudo.....	60
5.2- Implicações para o ensino da História e da Geografia.....	64
5.3- Limitações do estudo.....	65
5.4- Resultado para o desenvolvimento pessoal e Profissional.....	66
 Referências bibliográficas.....	 68
 Anexos.....	 71
Anexo I.....	72
Anexo II.....	78
Anexo III.....	84
Anexo IV.....	87

Índice de Quadros

Quadro 1- Excertos de Registos de Observação das aulas de História.....30

Quadro 2- Excertos de Registos de Observação das aulas de Geografia....33

Introdução

O manual escolar apresenta-se como um instrumento pedagógico de elevada complexidade e munido de questões envolvidas no seu uso. Este instrumento central vê a sua importância, tal como a sua elaboração e avaliação serem definidas pela legislação produzida pelo Ministério da Educação. De forma a atestar que a sua utilização não seja única pondo em causa outros instrumentos pedagógicos, produziu-se igualmente legislação a assegurar que este não se torne num instrumento exclusivo nas salas de aula.

No período em que nos encontramos, definitivamente o Manual Escolar não deve ser o único recurso pedagógico que o professor utiliza nas suas aulas. Os recursos informáticos e audiovisuais aumentam a sua importância e não podem ser mais vistos como recursos meramente complementares mas sim como verdadeiros agentes educativos, capazes de em muito aumentar os níveis do sucesso do ensino/aprendizagem e também como instrumentos potenciadores das competências que os alunos devem desenvolver na escola.

O Manual Escolar é sem dúvida um guião para os alunos e o principal instrumento para as directivas que emanam do Currículo Nacional, sendo portanto a principal “ponte” entre alunos e Currículo. Este é igualmente importante para os professores, onde para além de poder constituir mais um ponto de contacto com o Currículo Nacional, permite que os professores optem por leccionar ou não as temáticas da forma aí apresentada, não impedindo grande flexibilidade nas aulas e uma ampla perspectiva sobre os mais variados assuntos. Enquanto instrumento de trabalho, o manual escolar apresenta-se como um grande centro de mensagens, valores, sendo por vezes implícitas as intenções e perspectivas dos autores ou do regime político-cultural vigente.

Os Manuais Escolares são centros de mensagens específicas, o que muitas vezes lhes traz o protagonismo de serem a única fonte escrita de informação histórica e geográfica que os alunos consultam. Desta forma, os alunos vêem determinadas temáticas e conteúdos científicos meramente de modo como estes são apresentados nos seus manuais, o que pode para alguns criar uma visão única dos temas, pondo de lado o multiperspectivismo e o uso de outras fontes de informação nas aulas. Para o professor, o manual é sempre uma fonte de renovação e actualização de conhecimentos, mas que

pode acarretar para o mesmo uma visão muito próxima do manual usado quanto ao tipo de ensino ou à concepção da aula.

Os manuais de História e de Geografia têm então um papel muito importante enquanto transmissores de conhecimentos, como objecto de estudo e proposta de actividades e como fonte de avaliação, muito embora não devam ser encarados como guião único dos pontos referidos anteriormente. Devem-se diversificar estratégias, recursos e procurar aqueles que mais se enquadram nas necessidades de cada aluno.

Por isto, será que os professores de História e de Geografia não privilegiam determinada fontes rumo ao saber histórico e geográfico? Será que os alunos gostam de trabalhar o manual e também estes fazem escolhas no seu uso? Qual a sua relação com os manuais escolares? Quais os instrumentos que mais utilizam na sala de aula para não só transmitirem conhecimentos mas também para desenvolver competências variadas?

Actualmente em Portugal o ensino deve promover nos alunos o seu desenvolvimento em variadas áreas do saber, mas não o deve fazer de uma forma meramente transmissora de conhecimentos. O desenvolvimento de competências e de uma forte autonomia são sem dúvida pontos basilares no sistema educativo português.

Todas esta inquietações resultaram na vontade de realizar um estudo, no âmbito do Estágio Profissional, para perceber quais as tendências no uso dos manuais escolares de História e de Geografia, qual a relação e importância que os alunos dão ao manual e a outros recursos educativos, que tipo de fontes são privilegiadas por professores e alunos quando exploram os manuais e outros instrumentos educativos, e quais estes gostavam de ver mais implementados nas suas aulas.

O primeiro capítulo é dedicado ao enquadramento teórico do estudo bem como a apresentação dos objectivos do presente estudo.

O segundo capítulo é inteiramente dedicado a uma referência da história, estatuto e funções dos manuais escolares.

No terceiro capítulo alude-se à descrição da metodologia da investigação, nomeadamente à caracterização do contexto escolar, do perfil dos alunos da turma participante e do perfil profissional dos professores intervenientes, bem como aos instrumentos e procedimentos da recolha dos dados.

O quarto capítulo apresenta a análise e discussão dos dados nas duas disciplinas (História e Geografia) obtidos quer como resultado dos registos de aulas, dos questionários e das entrevistas, quer como exemplos de experiências implementadas em sala de aula na fase da Intervenção. Avançam-se algumas conclusões do estudo.

No quinto e último capítulo, têm lugar as reflexões finais, as implicações para o ensino da História e de Geografia, as limitações do estudo e os resultados para o desenvolvimento pessoal e profissional após este trabalho.

Capítulo 1- Enquadramento teórico

1.1-Enquadramento teórico

A principal questão do trabalho que me propus desenvolver prende-se com a utilização do manual escolar na sala de aula, seja por parte dos professores seja pelos alunos. Esta análise mostra-se bastante pertinente, sobretudo para um professor a iniciar a sua profissão, no sentido de perceber as tendências de uso dos manuais e das preferências a que estes estão sujeitos na hora de os utilizar. Não nos podemos esquecer de que o manual é, por hipótese e como alguns autores afirmam, a ferramenta de trabalho mais utilizada pela maioria dos professores nas suas aulas e um forte guia de apoio ao trabalho dos alunos.

Efectivamente, a importância dos manuais escolares não se cinge apenas aos alunos ou aos professores. Além de fazer parte da motivação para a disciplina, pois a forma como ele é apresentado poderá condicionar formas e resultados de aprendizagem na escola, ele pode ser o único guia temático para os pais dos alunos poderem acompanhar os seus filhos no que toca aos conteúdos lectivos e às aprendizagens desejáveis. Aliás, o preço elevado dos manuais escolares em Portugal, que as editoras tendem a justificar com uma apresentação gráfica apelativa, eleva talvez ainda mais o interesse dos pais dos alunos para seguirem ou examinarem os manuais dos seus filhos com minúcia.

O manual escolar assume-se como o meio de ensino mais utilizado em todo mundo, segundo Tormenta (1996). Esta ferramenta de trabalho comporta funções variadas, algumas complexas. Nestas funções, é de destacar o papel primordial que estes devem assumir na informação, na estruturação e organização da aprendizagem, sobretudo na forma como se apresentam enquanto guia do aprendente. Actualmente em países como Portugal, são muito poucos aqueles que arriscam a embrenhar-se no mundo do ensino sem a utilização constante deste suporte. O manual é, pois, uma referência pedagógica essencial para os alunos e professores.

A atestar o reconhecimento legal da importância dos manuais escolares no ensino português está a Lei de Bases do Sistema Educativo, artigo 41º, que no ponto 2 alude aos manuais escolares como um recurso educativo que exige especial atenção,

verificando-se assim que é uma ferramenta que, por lei, nenhuma comunidade escolar deve negligenciar.

Como se sabe, os manuais de História e de Geografia são adoptados em cada escola segundo um conjunto de critérios, sendo um deles, possivelmente, a pertinência das suas matérias. Contudo, dada uma certa autonomia do professor em sala de aula, é de esperar que a sua utilização demonstre uma grande marca dele próprio na forma como trabalha as matérias.

Assim, para o desenvolvimento deste estudo, foi dado uma grande ênfase às fontes que os professores de História e de Geografia envolvidos neste estudo (professores cooperantes no meu Estágio Pedagógico) seleccionam nas suas aulas, dentro do objectivo de perceber as dinâmicas de exploração dos manuais de História e de Geografia tanto pelo professor como pelos alunos.

Sendo o manual escolar um recurso que é pensado sobretudo para jovens aprendizes, apresenta características peculiares que podem, segundo Tormenta (1996), levar os jovens para caminhos que à partida não estão explícitos neles. Também Claudino (1999) afirma que os manuais escolares reflectem muitas vezes ideologias políticas, sociais e até pessoais. Ora, no caso da História esta questão é mais complexa dado que, se o objecto da disciplina incide precisamente nas dimensões políticas, sociais, económicas, culturais e ideológicas ao longo dos tempos, o seu estudo está inevitavelmente impregnado de uma dada perspectiva sobre a vida em sociedade.

Em abono da verdade, o meu trabalho passa por saber como é que os professores lidam com esta situação e que fontes veiculadas nos manuais escolares (primárias/secundárias, convergentes/divergentes) utilizam com mais ou menos frequência, sempre com o intuito de procurar um ensino multiperspectivado, democrático, eficaz e, sobretudo, competente.

Os professores de História e de Geografia acabam, portanto, por revelar tendências no uso e exploração dos respectivos manuais escolares. Tendem a privilegiar algumas matérias, tipos de fontes, abordagens, ou então dão mais enfoque a determinadas áreas porque os próprios manuais os levam para isso.

Actualmente, o manual não deve ser, e em muitos casos não é, o único recurso pedagógico que o professor utiliza nas suas salas de aula, pois os recursos informáticos e audiovisuais estão cada vez mais presentes nas escolas. Aliás, o próprio enquadramento no domínio da política educativa reconhece a não exclusividade dos manuais escolares embora reforce a sua preponderância:

“ Recurso didáctico pedagógico relevante, ainda que não exclusivo, do processo de ensino aprendizagem, concebido por ano ou ciclo, de apoio ao trabalho autónomo do aluno que visa contribuir para o desenvolvimento das competências e das aprendizagens definidas no currículo nacional para o ensino básico e para o ensino secundário, aprestando informação correspondente aos conteúdos nucleares dos programas em vigor, bem como propostas de actividades didácticas e de avaliação das aprendizagens, podendo incluir orientações de trabalho para o professor.” (Lei nº 47/2006, de 28 de Agosto, artigo 3º)

Para que os manuais possam contribuir para o desenvolvimento das competências e das aprendizagens definidas no currículo nacional tanto em Geografia como em História, a sua utilização deve ser um acto reflectido, criterioso e sobretudo científico, não se devendo prender a critérios como o grafismo, composição ou livros de apoio (cadernos de actividades, frisos cronológicos.) Ele não pode ser encarado como guia único, possuidor de todas as orientações, ou ser seguido de forma cega ou dogmática.

Pelo que expus, no meu Projecto procurei perceber, em primeiro lugar, como o manual é utilizado nas salas de aula de Geografia e de História, saber com que frequência os professores utilizam os respectivos materiais e em que situações os utilizam. Como sabemos, os manuais escolares apresentam uma enorme panóplia de recursos escritos, visuais e até auditivos (CD) no seu interior, e aqui procurou-se identificar algumas tendências de uso que a Geografia e a História lhes dão em contexto real da aula.

O meu estudo pretendeu também tentar perceber o que pensam os alunos dos manuais e, se possível, que fontes do saber histórico e geográfico poderão ser uma boa alternativa ao peso que o manual tem nas salas de aula.

Quanto a estas questões levantadas por mim, Tormenta (1996) mostra que o professor pode e deve exercer o seu livre-arbítrio sobre o manual adoptado na escola. Isto quer dizer que, apesar do papel inequívoco do manual escolar enquanto guia orientador na gestão de temas e actividades de aula, o professor pode e deve providenciar um meio que se ajuste às suas necessidades e às dos seus alunos. O meu estudo tende para isso mesmo, ambiciona observar os caminhos, as tendências que os professores orientadores, mais experimentados que eu, evidenciam, para tentar melhorar

o meu ensino e também para verificar qual a receptividade dos alunos quanto a determinadas estratégias, e entre os variados objectos e exercícios dos manuais quais os são os que mais lhe agradam e são mais úteis na aprendizagem.

Tanto o professor de Geografia como o de História, neste caso particular, devem tentar gerir de forma equilibrada e gradual a informação científica e o desenvolvimento didáctico, com uma linguagem adequada às experiências, conhecimentos e competências prévias dos alunos. O próprio manual escolar, em si, já apresenta tendências na sua elaboração, mas contudo, é de esperar tendências diversas na forma como é utilizado o manual escolar. Além disso, como os estudos construtivistas mostram, os alunos são diferentes, têm experiências diversas e, por isso, não reagem todos da mesma maneira. Em sala de aula, não devem subestimar-se as qualidades intelectuais dos alunos, devem ser tomados em atenção alunos com diferentes conceptualizações e níveis de aprendizagem.

Espera-se que as diversas tendências no uso do manual tenham sempre, como objectivo principal, a criação do sucesso escolar, o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem em contextos concretos e a fomentação da criatividade nos alunos e nos professores.

A visão dos alunos sobre estas temáticas é muitas vezes negligenciada, encarando-se a relação dos manuais escolares com os alunos e vice-versa meramente no plano da transferência de conhecimentos. Assim, este estudo centra-se também na visão dos alunos sobre os manuais escolares, o que preferem trabalhar e como interpretam as suas propostas, no sentido de compreender melhor a posição dos alunos face à exploração de materiais como o manual escolar ou outros. Cada vez mais a sala de aula é invadida por nova ferramentas pedagógicas que permitem o auxílio dos alunos e professores no processo de ensino e aprendizagem para além dos manuais escolares, que por si só se revelam impotentes para “carregar” todas as bases de trabalho necessárias aos alunos. Este estudo visa, por isso, também perceber que recursos adicionais ao manual escolar são mais utilizados na sala de aula e perceber se o manual ainda é a maior fonte de conhecimento nas aulas e na escola.

1.2-Objectivos do Projecto

Indagar quais as fontes (primárias, secundárias; convergentes divergentes) mais privilegiadas pelos professores nos manuais de História e de Geografia;

- Perceber que tipo de exploração é mais privilegiado nas disciplinas;
- Observar se os alunos gostam de explorar os manuais e que tipos de fontes consideram que lhes fornece mais conhecimentos;
- Atestar se os alunos compreendem o que vêm no manual (História e Geografia);
- Verificar que fontes de informação costumam na sala de aula complementar os manuais.

Capítulo 2- Referência aos manuais escolares

2.1- O manual escolar: História, estatuto e funções

O manual escolar, sobretudo o de História, durante o Estado Novo e, praticamente, até ao 25 de Abril de 1974, representava uma forma de saber estática, acabada e única que levava a que os seus utilizadores mergulhassem numa atitude muito pouco crítica e reflexiva sobre aquilo que aprendiam ou leccionavam. A própria linguagem deste recurso pedagógico apresentava-se muitas vezes pouco clara e omissa em questões fundamentais e actualizadas, confundindo e induzindo em erro alunos e professores (R. Silva, 2007).

Depois da Revolução dos Cravos, os pedagogos portugueses puderam ir beber às novas correntes fundamentais da Educação as propostas que consideravam não o livro mas o aluno como a chave de uma aprendizagem eficaz, deixando de fazer sentido o livro único no ensino, dentro de uma sociedade democrática e, portanto, de liberdade de pensamento.

Apesar de tudo isto, sendo actualmente o manual seleccionado pelos professores, em cada escola, o principal destinatário do manual, que é o aluno, continua a não poder tirar partido desta escolha pois o manual escolar é-lhe imposto pela escola. Contudo, ao longo da história dos manuais, foi talvez crescente uma preocupação bastante grande com o aluno, tentando-se adaptar, primeiro, a um aluno abstracto, o aluno médio e, mais recentemente, a alunos com experiências diversificadas (por exemplo, através de propostas de exploração da história local, de realização de entrevistas no seu meio, ou de pesquisa na internet).

O manual escolar, ao longo dos tempos, tem garantido a muitos alunos a única forma de contacto com os “livros”, dada a sua fácil aquisição e multiplicidade de conteúdos e propostas pedagógicas. Hoje, continua ainda a assumir um papel muito relevante na escolarização, segundo R. Silva (2007), sendo o principal suporte para o acesso dos alunos a determinados conteúdos.

Ao longo de quase três séculos, do século XVIII até ao século XX, o manual, o seu estatuto e diversificação sofreram alterações profundas. Desde o único suporte dos conteúdos, ao carácter “enciclopédico” e à fonte de conceptualização, o manual tem vindo ao longo da História a assumir diferentes aptidões e propósitos. Ao longo do século XIX este abarcou várias funções, sobretudo enquanto apoio educativo, enquanto

regulador da cultura escolar, e enquanto “objecto documental que incorpora um discurso sobre a escola” (R. Silva, 2007)

Ao longo do tempo, o manual tem vindo a evoluir na sua mensagem e na sua função educativa. Os manuais escolares são cada vez mais diversificados, são menos estáticos, oferecem um vasto número de apêndices que servem de apoio a uma visão mais dinâmica e concreta dos conceitos.

A evolução dos manuais escolares está marcada pela transmissão das representações da comunidade escolar e da sociedade em que se insere, pois os seus textos reflectem condutas e valores que servem não só para ensinar mas também para formar o aluno dentro de um modelo cultural socialmente aceite. Seja hoje ou no passado, a conclusão a que chegamos quando vemos o caminho percorrido pelos manuais, é que estes são uma peça chave na transmissão e consolidação de teorias, conceitos e valores.

A importância que o manual escolar assume hoje em Portugal é inquestionável, pois é a ferramenta de trabalho primordial de professores e alunos, com enquadramento legislativo. A sua função é capital no cenário da sala de aula e em casa (Costa, 2007).

Os manuais escolares são actualmente o meio de ensino mais utilizado no mundo, assumindo funções informativas e estruturantes do processo de ensino e aprendizagem, e é igualmente um inequívoco guia do aprendente (Tormenta, 1996). Em Portugal, são poucos, embora não arrisque em falar em nenhuns, aqueles que se atrevem a viver o seu dia-a-dia escolar, sejam alunos ou professores, sem esta ferramenta pedagógica para a compreensão dos conteúdos curriculares. Porém, cai-se muitas vezes no erro de este ser a única bibliografia que o professor conhece (Tormenta, 1996), seja a nível científico seja pedagógico. Diga-se, contudo, que este muitas vezes é igualmente a única bibliografia que o aluno conhece, o que limitará à partida o seu desenvolvimento crítico e multi-perspectivado. Esta limitação ocorre, sobretudo, porque ao ser adoptado exclusivamente pelos professores de cada disciplina, o manual oferece um elevado nível de segurança ao aluno e ao professor, sendo muito normal por vezes ouvir os alunos refutarem o que aprenderam com o professor citando conteúdos dos manuais. Seja como for, o manual escolar tende talvez a assumir uma função de legitimação do processo de ensino e aprendizagem perante alunos, professores, família e sociedade em geral.

Se analisarmos o que diz etimologicamente a palavra “Manual” esta significa algo que se tem à mão, de fácil manuseamento. Assim se verifica que este assume um

papel extremamente versátil, o que lhe fornece um papel de “facilitador” de aprendizagens mas também de “desenvolver um complexo sistema de relações sociais” (Morgado, 2004, p. 25).

À luz da literatura consultada, um manual escolar é quase sempre apresentado como um reflexo de várias ideologias político-sociais, que levam alguns a julgar este útil “livro” como um guia de valores sociais, mesmo que enquadrados com as matérias curriculares (Costa, 2007).

Costa (2007) considera alguns “proveitos” desta situação e apresenta o manual escolar como um guia que pode e deve promover a “aprendizagem de métodos, atitudes, hábitos de trabalho e formação para a vida” (p.13) Para a autora, os manuais podem ser responsáveis pelo despertar de novos conhecimentos e informações, como um potenciador de estruturas mentais que se traduzem num saber.

Muito embora o manual escolar seja concebido para o aluno, muitas vezes esta ferramenta surge em função do próprio professor, segundo Ferreira, 2009. Assume funções de planificação de aula para estes e como meio mediador nas actividades a realizar com os alunos, segundo Tormenta (1996). Segundo este autor, para o professor, o manual escolar apresenta funções e estatutos múltiplos. O manual é uma fonte inequívoca de conhecimentos científicos e pedagógicos que não podem ser nunca esquecidos. São vistos pelos mesmos muitas vezes como guias curriculares, como acontece muitas vezes em professores sobretudo com pouca experiência. E o mesmo autor lembra que “o professor pode e deve fazer o seu livre-arbítrio sobre os manuais escolares, mesmo quando este lhe é imposto” (Tormenta, 1996, p.11). Apesar de tudo isto, parece existir uma tendência par que sejam os manuais a impor a suas metodologias e os seus critérios científicos. Parte-se muitas vezes do princípio que a informação dos manuais está cientificamente correcta, mesmo que gralhas e imprecisões científicas sejam detectadas mais vezes que o desejável.

Os manuais escolares apresentam-se muitas vezes como uns verdadeiros mosaicos de imagens, textos, fotos, gráficos, mapas, esquemas, com o intuito de propor leituras multiperspectivadas e a serem guiadas pelo professor. Contudo, para quem tem pouca experiência docente, ou pratica um ensino tradicional e unidireccionado, que possa ser facilmente assimilado e não questionado, essa complexidade torna por vezes algo difícil a construção, pelo professor, de um itinerário próprio que lhe inspire segurança.

Segundo o sociólogo americano Apple (1988), os manuais escolares apresentam níveis de utilização elevadíssimos (75% em sala de aula), mas também em casa como guia de apoio a trabalhos (90%). – o que se refere, talvez, ao contexto norte-americano. No Sistema de Ensino Português, básico e secundário, o manual ocupa também um lugar de primazia enquanto maior suporte do processo de ensino e aprendizagem na escola. Sem dúvida que este é um objecto de estudo privilegiado tanto por professores como por alunos, relativamente ao desenvolvimento de competências em qualquer área leccionada no ensino português.

Em relação com este facto, em Portugal os manuais escolares estão referidos na Lei Bases do Sistema Educativo, artigo 41º no ponto 2, que os aponta como um recurso educativo que exige especial atenção, demonstrando a sua extrema importância no processo de ensino em Portugal. Refira-se ainda a Lei nº 47/2006, de 28 de Agosto, que define actualmente o regime de avaliação, certificação e adopção dos manuais escolares do ensino básico e do ensino secundário.

Reflectindo de novo sobre as funções do manual, este deve contribuir para o estímulo de hábitos de trabalho dos alunos e ajudá-los na forma como aplicam os conhecimentos aprendidos no seu dia-a-dia. Deve contribuir para o aluno desenvolver um conjunto de competências, com a proposta de actividades cognitivas com base em diversos cenários e conteúdos (R. Silva, 2007).

Nos dias que correm, os manuais estão rodeados de novos desafios, perdendo já muito daquele estatuto que tinham de meros transmissores de conhecimentos. Apesar de todas as transformações, este assume ainda um papel central na actividade educativa. E, cada vez mais, os manuais escolares perdem o seu estatuto de mero transmissor de conhecimentos, e ganham uma nova forma, forma essa que se rege à luz de princípios de aprendizagem construtivistas. E, para já, parece ser este o futuro. Permitir ao aluno que este através de si (manuais escolares) abandone o ensino estático e memorizado, transitando agora para uma aprendizagem centrada no desenvolvimento pessoal das suas competências, capaz de estimular o aluno na construção do seu próprio saber, não menosprezando a orientação essencial do professor. Dentro das actuais abordagens educativas, este deverá ser um rumo a seguir pelos manuais escolares de uma sociedade responsável, pluralista e auto-suficiente.

Capítulo 3- Metodologia da Investigação

3.1- Introdução

No presente trabalho pretendeu-se englobar uma descrição dos métodos de investigação utilizados na realização do estudo em questão, tendo como referência os objectivos já definidos na Introdução do Relatório, e dentro da preocupação com um ensino multiperspectivado e eficaz:

- Indagar quais as fontes (primárias, secundárias; convergentes divergentes) mais privilegiadas pelos professores nos manuais de História e de Geografia;
- Perceber que tipo de exploração é mais privilegiado nas disciplinas;
- Observar se os alunos gostam de explorar os manuais e que tipos de fontes consideram que lhes fornece mais conhecimentos;
- Atestar se os alunos compreendem o que vêm no manual (História e Geografia);
- Verificar que fontes de informação costumam na sala de aula complementar os manuais.

Assim, de acordo com estes objectivos, este trabalho procurou dar resposta às seguintes questões de investigação:

- Quais as fontes mais privilegiadas pelos professores nos manuais de História e de Geografia? (primárias, secundárias; convergentes, divergentes)?
- Que tipo de exploração é mais privilegiada nas aulas destas disciplinas?
- Que fontes de informação costumam na sala de aula complementar os manuais?
- Os alunos gostam de explorar os manuais? Que tipos de fontes consideram que lhes fornecem mais conhecimentos?
- Como interpretam os alunos as propostas do manual? (História e Geografia)

3.2- Descrição do estudo

O trabalho iniciou-se com a elaboração de um Projecto de Intervenção Pedagógica em que me questionava sobre a hipótese dos manuais escolares de História e Geografia apresentarem tendências nítidas no seu uso e exploração. A questão

levantou-se sobretudo após algumas observações feitas por mim nas primeiras aulas do módulo de Observação, onde foi possível observar que existiam preferências na escolha de fontes e suportes teóricos contidos nos manuais e os professores faziam uma nítida gestão pessoal dos conteúdos. Aliás, segundo Tormenta “o tipo de utilização do manual está, de sobremaneira, dependente das suas características e também das escolhas pedagógicas do professor. “O professor deve exercer o seu livre arbítrio, mesmo e sobretudo quando o manual lhe é imposto” (Tormenta,1996, p. 11).

Apesar desta “impressão inicial” considerei ser necessário investigar a questão das tendências no uso dos manuais por parte do professor e a forma como os alunos reagem e gerem as suas preferências quanto às suas ferramentas de estudo deram o mote para o desenvolvimento do meu trabalho.

No processo deste trabalho foram efectuados registos de observação naturalista das aulas de História e de Geografia das professoras cooperantes, questionários que tentaram perceber o lado dos alunos nesta questão, algumas fichas de trabalho para observar como estes interpretavam diversas fontes e, por fim, um guião semi-fechado de entrevista às professoras cooperantes de Geografia e de História.

Além das observações a aulas das professoras cooperantes, a aplicação dos questionários a alunos ocorreu durante as aulas que leccionei, e as entrevistas às professoras realizaram-se num ambiente menos formal mas buscando rigor científico e metodológico.

Procurei que as observações, questionários e entrevistas se regessem sempre por objectividade e clareza a fim de obter resultados produtivos e uma interpretação menos susceptível a falhas.

A implementação do meu Projecto em sala de aula desenvolveu-se ao longo de quase quatro meses, dentro da leccionação no âmbito do estágio profissional. Este módulo de leccionação de aulas só funcionou durante quatro meses, no respectivo período de Fevereiro a Junho.

Com base nos resultados obtidos através da análise de dados que foram recolhidos em vários momentos do desenvolvimento do meu Projecto (observações de aulas, aplicação de questionários aos alunos e entrevistas às professoras cooperantes) foram tiradas algumas conclusões que são apresentadas no capítulo de Reflexões finais.

3.3- Desenho do estudo

Este estudo que realizei foi essencialmente um estudo de caso, pois para dar resposta às questões de investigação colocadas procurei aplicar um conjunto variado de instrumentos, já referidos e compreender as tendências no uso dos manuais escolares de História e Geografia, por parte dos professores e por parte dos alunos. Sobretudo indagar estes (alunos e professores) sob a forma de conhecer as suas preferências e privilégios na hora de trabalhar o manual.

Neste sentido, o estudo realizou-se em contexto de sala de aula mas também fora dela, visto que as entrevistas aos professores cooperantes foram feitas em contexto informal, fora das salas de aula de Geografia e de História.

3.4- Caracterização da Escola

A escola onde se realizou este estudo foi a Escola Básica do segundo e terceiro ciclo Francisco Sanches (EB 2,3 Francisco Sanches), situada na rua da Taxa, S. Vítor, Braga. A EB 2,3 Francisco Sanches alberga 1465 alunos no seu todo.

Esta é uma escola Teip (Territórios Educativos de Intervenção Prioritária), o que corresponde a um cenário escolar que integra muitos alunos com problemas de ordem financeira e social. A escola apresenta-se bastante heterogénea no seu todo, sendo frequente o contacto dos professores com crianças de várias nacionalidades. Aliás, esta escola tem no seu corpo de alunos mais de quinze nacionalidades diferentes. Ao nível socioeconómico, e segundo o Projecto Educativo de Escola os alunos são oriundos de vários estratos sociais, o que confere à escola um carácter muito particular, simultaneamente delicado e desafiante. Delicado, porque a diferença de realidades numa turma chega por vezes a ser acentuado, o que comporta para o professor uma dificuldade acrescida quando lecciona; desafiante, porque coloca ao professor necessidades acrescidas de reflexão e adequação aos contextos específicos.

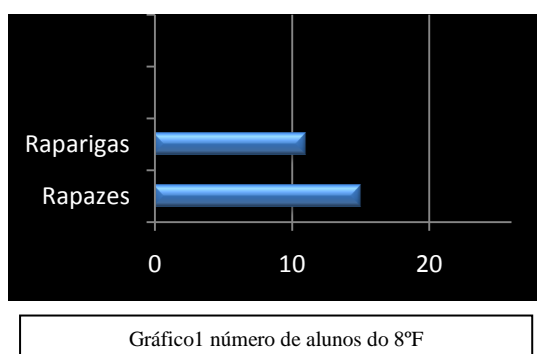
De salientar que nesta escola vive-se um clima de combate ao abandono escolar, em muito promovido pela direcção, que se faz sempre ligar às instituições que a rodeiam para tentar impedir que o flagelo do abandono e insucesso se façam abater sobre a escola. Desta forma, os resultados apresentados nesta área têm sido muito

positivos, pois para uma escola Teip estão bem acima da média nacional e, se tivermos em conta os resultados escolares, apresentam-se até acima de algumas escolas não Teip.

As instalações da escola são medianas, pois embora possua alguns pavilhões mais recentes, uma parte da escola remonta aos anos 60 e o bloco que ainda hoje é utilizado está em estado de degradação visível, o que chega por vezes a condicionar o próprio ritmo da escola.

3.5- Caracterização da Turma participante

Os participantes do estudo dividem-se em dois grupos distintos: o dos alunos e o dos professores.



Quanto ao grupo dos alunos, estes pertenciam à turma F do oitavo ano de escolaridade e era constituída por 26 alunos (11 do sexo feminino 15 do sexo masculino, conforme mostra o Gráfico ao lado)

O estudo recaiu sobre esta turma pois foi a este o grupo que me foi dada a oportunidade de leccionar, sendo portanto a única turma onde, de uma forma fixa, dei as minhas aulas enquanto estagiário. Inicialmente, fiz a proposta de implementar o Projecto em duas turmas mas, de acordo com a avaliação feita ao desenho inicial, a aplicação ficou cingida a uma só turma.

Segundo o Projecto Curricular de Turma a turma apresentava um contexto socioeconómico e cultural heterogéneo. Quanto a habilitações literárias, 7 pais têm menos do que o 9º ano, 8 têm o 9º ano concluído, 23 têm frequência no ensino secundário (13 dos quais com o 12º ano concluído), 1 tem frequência universitária, 2 têm um curso técnico e 12 possuem habilitações de nível superior. Alguns pais encontravam-se em situação de desemprego e duas mães eram domésticas

Os alunos desta turma, ao nível das ambições profissionais pretendem, quase na sua totalidade, profissões associadas a uma formação académica de nível superior. Estes alunos, nos seus tempos livres, ocupam-se a ver televisão, andar de bicicleta, praticar desporto (sobretudo futebol e badmington) e estar na internet.

A turma apresenta níveis escolares razoáveis ou mesmo bons. Este facto foi favorável na hora de aplicar os questionários e as fichas de interpretação, pois os alunos mostravam-se sempre interessados nas questões e actividades propostas. Este ambiente favorável permitiu ainda verificar que tipos de recursos extra manual são melhores aceites no dia-a-dia das aulas e quais os que gostariam de ver mais enraizados no seu contexto educativo.

O comportamento nas aulas de História e de Geografia pode considerar-se mediano, embora estes alunos não sejam indisciplinados ou insubordinados. Contudo, há a registar pequenos casos de expulsões por má conduta na sala de aula para com os colegas ou para com o professor.

Outro grupo de participantes no meu estudo foi constituído pelas professoras cooperantes. Na disciplina de História, a professora em causa era professora na EB 2,3 Francisco Sanches apenas desde o início do ano lectivo 2009/2010, pertencendo ao quadro de zona de Braga, não sendo portanto efectiva naquela escola. Licenciada em Ensino de História pela Universidade do Minho, tem profissionalização para o ensino secundário (do 7º ano ao 12º ano) e lecciona há 20 anos. Na disciplina de Geografia, a professora cooperante é docente na EB 2,3 Francisco Sanches há 16 anos, efectiva naquela escola. Licenciada em Geografia e com profissionalização no ensino secundário (do 7º ano ao 12º ano), é professora há 24 anos.

A participação no meu estudo das professoras cooperantes foi determinante sobretudo na parte da observação e da recolha de informação adicional através de entrevistas, onde com prontidão e rigor científico responderam a variadas perguntas relacionadas com as minhas preocupações.

3.6- Técnicas e Instrumentos de Recolha de Dados

A escolha das técnicas e instrumentos de recolha de dados a utilizar por mim num tema tão abrangente como as "Tendências no uso dos manuais escolares de História e de Geografia" foi para mim de particular dificuldade. Contudo, e à luz dos conselhos da minha supervisora de estágio em História e das bibliografias que ia consultando que poderiam ser úteis para um trabalho desta natureza, selecionei como

técnicas de recolha a observação naturalista, os questionários a alunos e, por fim, as entrevistas a professores.

Então, a recolha de dados empíricos começou com observações naturalistas aulas das professoras cooperantes. Este método, ainda que integrado num contexto com objectivos mais abrangentes - visto que também fazia parte de um exercício pedagógico de levantamento de dados relevantes acerca das aulas que ia observando como forma de ter uma maior noção do que é a leccionação no seu terreno activo, a sala de aula – não deixou de funcionar como um meio de anotar elementos das práticas de aula relevantes para o meu Projecto. De facto, pude registar que tipo de exercícios, que tipo de fontes eram mais utilizados nas aulas de Geografia e de História. E claro, foi também um método ideal para perceber, junto dos alunos, que tipos de atitudes tinham e que escolhas faziam perante determinados recursos.

Este método, de carácter mais qualitativo, marcou o início dos levantamentos de dados necessários para responder a algumas das minhas questões de investigação, ficando assim registado, mesmo que de forma mais abrangente e não meramente focada no meu Projecto, algumas notas chave sobre o uso de manuais escolares, vídeos, PowerPoint e imagens, por parte de alunos e professores.

Tal como referi anteriormente, outro dos instrumentos para responder a questões do meu Projecto foi a aplicação aos alunos de questionários fechados, em contexto de aulas leccionadas por mim. Este tipo de instrumento guiou os alunos para que respondessem directamente ao que lhes era pedido, não fugindo às questões e reduzindo assim a hipótese de respostas desenquadradas em relação ao tema. Os questionários foram fundamentais para perceber a opinião dos alunos face a algumas questões do estudo. Este método acabou por conferir uma certa eficácia dado o carácter quantitativo dos resultados proporcionado por este tipo de exercício, permitindo obter uma resposta muito objectiva ao que eu pretendia saber.

Depois dos questionários, foram aplicadas algumas fichas de trabalho, em contexto de aula, que focaram fontes diversificadas para perceber qual obtinha melhores resultados ao nível do sucesso de aprendizagem perante os alunos.

Ainda em relação aos questionários, este tipo de instrumento foi aplicado apenas aos alunos e este meio mais “fechado” pareceu resultar à partida como mais fidedigno para conhecer as suas impressões sobre tendências no uso dos manuais, os seus gostos e dificuldades sentidas quanto aos mesmos.

Os questionários tiveram em conta sobretudo as questões relacionadas com as percepções quanto ao uso dos manuais escolares por parte dos alunos. Estes questionários tentaram ser sobretudo:

- imparciais;
- objectivos;
- coerentes;
- de fácil leitura.

Foram aplicados dois questionários. O primeiro, mais simples, teve em conta questões relacionadas com o hábito de explorar os manuais escolares de História e de Geografia, o uso dos mesmos em casa, indagar se consideravam esta a fonte mais importante nas suas aulas, se os consideravam bem organizados e se sentiam dificuldades em os interpretar.

O segundo questionário, aplicado aos mesmos alunos, revelou-se mais complexo e moroso. Este centrou essencialmente as suas questões em saber se os alunos dão preferência a algum tipo de fontes, se os manuais escolares de História e de Geografia são explorados de forma diferente, que tipo de recursos complementam melhor as suas aulas, em que disciplinas estes serão mais úteis e se gostam ou não, de uma forma geral, de explorar os seus manuais escolares. As hipóteses de resposta variaram entre afirmações positivas ou negativas e no complemento dos pequenos espaços justificativos das suas opiniões.

Este instrumento acabou, como já anteriormente referi, por ser óptimo para uma indagação sobre algumas das questões deste trabalho mas do ponto de vista quantitativo. Ele tornou impossível individualizar respostas, até porque os questionários são anónimos, obtendo assim respostas com um carácter muito colectivo e pouco personalizado.

Outro problema deste tipo de questionários é que, não sendo elementos de avaliação, muitos alunos desvalorizam o exercício respondendo à sorte ou então sem pensar muito bem no que estão a dizer e produzir.

As entrevistas, realizadas às professoras, foram inicialmente alvo de alguma relutância pela minha parte. Este impasse surgiu pois era preciso saber mais destes agentes educativos do que aquilo que um questionário ou mera observação naturalista podia dar. A entrevista em definitivo pelas suas características era o método a seguir.

Genericamente a entrevista assenta em processos de comunicação e interacção humanos relevantes, permitindo desta forma uma profundidade e riqueza de informação

vasta através de questões abertas (Ferreira, 2009). Contudo, esta técnica exhibe várias vantagens mas também várias limitações. Por um lado, permite uma recolha de dados extremamente rica e uma grande flexibilidade nas questões colocadas ao entrevistado, mas por outro lado temos também uma amostra restrita e uma grande dificuldade e complexidade no tratamento e análise dos dados, exigindo uma capacidade de interpretação isenta e elevada.

Ainda à luz da literatura, segundo Ferreira (2009), este método ocupa muito tempo, obriga a disponibilidade mútua, e a investigação a partir destes dados torna-se difícil pois por vezes perdem-se as questões orientadoras e deambula-se por dados mais subjectivos. Este facto revela então que a recolha dos dados deve procurar ser o mais objectivo e transparente possível. Nas vantagens, podemos incluir ainda a de explorar mais a fundo ideias, testar respostas, investigar motivos e sentimentos acerca do tema em questão. Neste estudo, as entrevistas tiveram como objectivo analisar o sentido que os entrevistados conferiram às questões que coloquei relacionadas com o uso dos manuais, salientando as experiências e opiniões das entrevistadas. Foram todas estas questões que me levaram a optar pelo método das entrevistas às professoras cooperantes de Geografia e de História.

A complexidade do tema das “ Tendências no uso dos manuais escolares de História e Geografia” obrigou, de certa forma, a que o guião de entrevista não fosse totalmente fechado, permitindo sempre um “ desvio” que se revelasse da maior importância. Para isso, aquando da minha preparação da entrevista às profissionais docentes de História e de Geografia tentei ser o mais coerente possível, seguindo as seguintes regras:

- fazer boas perguntas e interpretar as respostas;
- ser um bom ouvinte e tentar contornar ideologias pedagógicas centrando-me no tema;
- ter uma boa compreensão dos aspectos que pretendia indagar;
- ser imparcial.

A imparcialidade, tal como a autora já referida (Ferreira, 2009) é das capacidades mais difíceis de desenvolver, pois realmente não foi fácil evitar cair na tentação de extrair das entrevistadas respostas que fossem de encontro às minhas próprias ideias sobre as tendências no uso de manuais escolares de História e de Geografia.

As entrevistas decorreram em ambiente fora de sala de aula. Foram individuais embora o guião fosse o mesmo para as duas entrevistas (ver anexo IV).

O guião da entrevista possuía cinco questões orientadoras, sendo precedidas de alíneas em cada uma delas. Todas as perguntas se centraram na experiência e opinião das entrevistadas (professoras cooperantes de História e de Geografia). As perguntas focaram essencialmente as escolhas do tipo de fontes a utilizar em sala de aula, quais aquelas que julgavam ser melhor compreendidas pelos alunos, se consideravam o manual a principal fonte de informação nas suas aulas, quais os recursos complementares no acto da sua docência e, por fim, qual a frequência de utilização dos apêndices dos manuais nas suas aulas. As entrevistas decorreram de forma flexível. De acordo com o recomendado para esta técnica de recolha de dados, evitei perguntas demasiado complexas ou longas, sob pena de divagação do tema ou de falta de objectividade na hora da interpretação.

3.7- Recolha de dados

A recolha de dados efectuada para a realização desta investigação decorreu em dois momentos distintos. Numa primeira fase, deu-se a observação naturalista. Esta observação decorreu durante o módulo de estágio “observação”. Esta recolha de dados realizou-se ao longo de vários meses mas centrou-se sobretudo no período de Dezembro a Fevereiro do ano lectivo de 2009/2010. Estas observações naturalistas decorreram, como referido, nas aulas das minhas orientadoras de História e de Geografia. Na sua grande maioria, decorreram no bloco F da escola em questão e as notas eram tiradas consoante o ritmo da aula. Isto é, cada exercício, cada opção, cada momento da aula era por mim registado num caderno de notas.

Será evidente compreender que a observação naturalista acaba por conter escritos, notas que nada têm a ver com o estudo em questão, mas também registaram muitas coisas relativas ao uso de manuais, às reacções dos alunos perante os exercícios e às fontes e outros recursos pedagógicos que as professoras de História e de Geografia mais ênfase davam na leccionação das suas disciplinas.

Os questionários foram aplicados já num período em que parte da leccionação estava a meu cargo. Os alunos responderam aos questionários nas aulas de Geografia e de História, respectivamente. Cada questionário foi aplicado na parte final da aula (de História e de Geografia) para não tirar tempo à leccionação, sobretudo porque, devido a

eu estar a ser avaliado, não podia perder tempo. Os alunos responderam em cerca de 5/10 minutos ao questionário, o que se revelou talvez mais rápido do que o que o expectável. Os questionários foram recolhidos apenas quando toda a turma tinha já terminado. Esta opção deve-se ao facto de tentar resfriar o ímpeto dos alunos em fazer este exercício não avaliativo depressa demais. As salas onde decorreu este levantamento eram as salas usuais das respectivas aulas.

As entrevistas foram realizadas individualmente e registadas por escrito, no próprio guião, sendo pedida autorização prévia às entrevistadas para responderem às perguntas. Estas tiveram conhecimento do guião antes de responderem, sendo-lhes facultado o mesmo no acto da entrevista um exemplar, para melhor orientação.

As entrevistas decorreram em ambiente informal na sala dos professores da EB 2,3 Francisco Sanches, tendo a duração de cerca de 20/30 minutos. Algumas questões levantaram dúvidas, sobretudo na área da Geografia, onde a entrevistada apresentou algumas dificuldades iniciais em responder às perguntas devido a algum desenquadramento (segundo a entrevistada) das perguntas e da Geografia. Contudo, a situação resolveu-se após clarificação da minha parte (no papel de entrevistador) acerca dos conceitos de fontes convergentes e divergentes. Foi explicada a diferença quanto à mensagem. A diferença sobretudo quanto à visão dos factos por parte deste tipo de fontes.

No decorrer das entrevistas não existiram mais dúvidas, e as duas professoras de Geografia e de História responderam com prontidão às questões colocadas. Neste processo, cada entrevistada registou as suas experiências/opiniões no guião de entrevista, para além da evidente explicação oral.

De uma forma geral, alunos e professores responderam produtivamente aos questionários e entrevistas que lhe foram apresentados. Algumas dificuldades surgiram por parte dos alunos mas estes foram convidados a lerem novamente o que lhes era pedido e, a partir daí, naturalmente, responderam com eficácia ao que lhes era pedido. As dificuldades remeteram-se sobretudo a algum vocabulário desconhecido ou alguma frase com um conteúdo mais difícil ou desconhecido para eles.

A recolha e análise de dados deu-se dentro da calendarização que tinha sido delineada na fase de elaboração do desenho do Projecto de Intervenção Pedagógica.

3.8- Calendarização

	MARÇO	ABRIL	MAIO	JUNHO	JULHO
Observação de Aulas					
Implementação (aulas de História e de Geografia)					
Análise/ Avaliação (da experiência implementada)					

Capítulo 4 – Análise de dados

4.1 – Enquadramento metodológico

Depois de recolhidos os dados, que se realizaram em vários momentos, o das observações naturalistas, o dos questionários aos alunos e o das entrevistas aos professores cooperantes, procedeu-se a uma análise dos dados levantados.

Dado o facto de serem momentos de recolha com instrumentos muito diversos, não se pôde eleger um único método de análise á partida, optando-se então por tipos de análise em função das características de cada momento e respectivo instrumento.

As observações naturalistas foram sem dúvida, para mim, as situações mais complexas de recolha de dados para decifrar e analisar. Este facto deve-se a que estas observações naturalistas foram uma forma abrangente de levantamento de dados, obrigando o investigador a mergulhar nos registos e, por entre as linhas desta ferramenta, procurar elementos que mostrassem ou evidenciassem questões ligadas ao manual, às fontes e aos recursos que normalmente auxiliavam as aulas de Geografia e de História. Para tal, foram escolhidas aleatoriamente cinco observações de cada disciplina. A opção de terem sido aleatórias prende-se com o facto de não querer fazer uma escolha pessoal das mesmas, o que poderia subconscientemente me levar a tentar procurar registos que se coadunassem com as minhas expectativas iniciais neste trabalho. Com isto, procurei salvaguardar a objectividade dos resultados.

A análise dos questionários seguiu um método completamente diferente, pois o instrumento forneceu um tipo de dados que pretendeu sobretudo avaliar quantitativamente as respostas a determinadas questões, embora houvesse algumas questões onde os alunos podiam dar uma resposta livre. Os resultados foram organizados por categorias condizentes com a resposta e apresentados em tabelas ou gráficos. A seguir a cada tabela ou gráfico explica-se os dados à luz dos resultados e da literatura condizente com o tema.

O único instrumento do presente estudo que reportava à indagação directa dos pontos de vista dos professores, as entrevistas, foram igualmente interpretados conforme as respostas das professoras às perguntas colocadas.

A interpretação destes dados apresentará sempre a distinção entre a área da Geografia e a área da História, a fim de não causar qualquer tipo de confusão ou equívoco entre os resultados das duas.

Cada domínio dos dados estará devidamente assinalado, para que a distinção dos métodos de estudo utilizados nesta obra sejam sempre visíveis, visto que a posição de professores e de alunos face a estas matérias podem ser por si só diferentes.

Por fim, no final desta apresentação dos dados levantados, passar-se-á para as opções tomadas quanto à implementação do Projecto.

4.2- As observações naturalistas (anexo I e II)

As observações naturalistas relevantes para o estudo foram integradas neste estudo de forma aleatória, como já referido. Tal facto está directamente relacionado com o factor expectativa do autor, o que se tentou contrariar. Seria bastante natural que o autor procurasse alguns dos registos de aulas onde fez observação naturalista que evidenciassem resultados à partida esperados por ele. Tal facto levou a que fossem escolhidas cinco aulas de cada uma das disciplinas em questão, em meses e períodos distintos, que findou no mês Fevereiro pois foi no período de tempo entre Outubro e Fevereiro que estas observações se realizaram.

A observação directa é uma técnica de recolha de dados particularmente útil e agradável. Contudo a informação levantada pode ser condicionada pelas opiniões e pontos de vista dos sujeitos dado que estes estão permeáveis aquilo que querem ver e sabem ver. Consiste em observar o comportamento e as interacções à medida que vão acontecendo, mas na presença do observador. E de facto foi isto que aconteceu. Estas observações não mais eram que relatos das aulas de Geografia e de História a partir do ponto de vista do observador.

Passo então à análise de dados. Esta análise está dividida pelas duas áreas, para que se distingam os resultados.

Começo por apresentar 5 excertos dos meus registos de observação que selecionei na disciplina de História (Quadro 1).

Quadro 1. Excertos de Registos de Observação de Aulas de História

(Ver Anexo I)

Datas	Registos pertinentes das observações naturalistas
11/11/2009	<p>“Aula teve início com a exploração do Manual Escolar onde se explorou através dos textos e documentos lá presentes questões como os povos que foram dominados pelos Espanhóis ou o estado Civilizacional dos Índios”</p> <p>O Mapa com a Viagem de Cristóvão Colombo acaba por ser “fácil” e os alunos conseguem decifrar tudo aquilo que lhes é pedido. De notar, que através da elevada performance dos alunos nesta exploração de um Mapa, pode-se afirmar que estes parecem muito à-vontade no trabalho de fontes icónicas.”</p>
24/11/2009	<p>“O grupo corrigiu a Ficha de Trabalho projectando um acetato na tela branca. Já na recta final da aula, foram projectados alguns PowerPoint sobre a Colonização do Brasil.”</p>
16/12/2009	<p>“Depois disto, os alunos tiveram que identificar algumas zonas do globo que foram colonizadas, por quem, em que época e quais as principais marcas da colonização deixadas até hoje.</p> <p>Depois de explicada a matéria, os alunos foram convidados a passar para o caderno os conceitos de Colonização e Aculturação”</p>
06/01/ 2010	<p>Consistiu na análise de um documento: Defesa da Liberdade dos Mares. De uma forma geral, estes analisaram a fonte escrita com alguma facilidade mas um grupo reduzido de alunos não conseguia perceber o texto.”</p>
10/02/2010	<p>“Continuou-se com a exploração de alguns documentos fornecidos pela minha orientadora aos alunos. Estes exploraram sem grandes dificuldades os documentos e imagens presentes. Analisaram igualmente o livro. Falta apenas saber se os alunos não decifraram bem os documentos através do que vinha no livro”</p>

Como podemos observar no Quadro 1, podemos constatar que existem utilizações diversas de recursos na sala de aula de História. É de notar que o manual escolar nem sempre é utilizado nestas aulas, o que demonstra a cada vez mais crescente utilização de recursos variados nas salas de aula e enquadrados em vários cenários de trabalho. Antes da apresentação destes resultados podemos atestar que na lei portuguesa está estabelecido um normativo legal que sugere que os manuais escolares não devem ser as únicas ferramentas ou instrumentos de trabalho:

“(...) recurso didático-pedagógico relevante, ainda que não exclusivo, do processo de ensino aprendizagem, concebido por ano ou por ciclo, de apoio ao trabalho autónomo do aluno que visa contribuir para o desenvolvimento das competências e das aprendizagens. (Lei nº 47/2006, de 28 de Agosto, artigo 3º)

Através da informação recolhida, poderá concluir-se que os manuais apresentam uma elevada frequência de utilização quanto às fontes sobretudo as textuais. A análise de fontes escritas (“Aula teve início com a exploração do Manual Escolar onde se explorou através dos textos e documentos lá presentes), parece então ser um aspecto essencial na exploração do manual escolar de História. Efectivamente, os livros de História são riquíssimos em fontes escritas, o que leva talvez a que os professores as usem com frequência na sala de aula.

Contudo, as fontes não escritas presentes no manual escolar de História parecem igualmente surtir efeitos no rendimento dos alunos. O Mapa com a Viagem de Cristóvão Colombo parece ser de “fácil” leitura e os alunos conseguem decifrar tudo aquilo que lhes é pedido, segundo o registo do observador que faz menção à facilidade dos alunos no trabalho e manuseio desta categoria de fontes. De notar pois que, através das competências dos alunos reveladas nesta exploração de um Mapa, pode-se afirmar que estes parecem muito à-vontade no trabalho de fontes cartográficas. É caso para dizer que os mapas, que normalmente são acompanhados de legendas (fonte escrita) funcionam muito bem, sobretudo se estes mostrarem com clareza e profundidade os conteúdos de aprendizagem.

O resultado, pelo menos por agora, não nos permite dar primazia a um único formato de fonte utilizado no manual de História. A diversidade de fontes ao nível do seu suporte parece ser mais aplicável nas salas de aula desta disciplina do que a

primazia. Digamos que, a este nível, não há uma tendência demarcada no uso dos manuais escolares.

Como se pode observar no quadro acima, as fontes iconográficas e textuais são utilizadas para além do manual. Os documentos foram distribuídos aos alunos para que estes possam trabalhar com materiais diversificados, aumentando assim os níveis de eficácia da aprendizagem e os níveis de motivação dos alunos, conforme registei:

“Continuou-se com a exploração de alguns documentos fornecidos pela minha orientadora aos alunos. Estes exploraram sem grandes dificuldades os documentos e imagens presentes” .

Talvez possa pesar o facto, neste resultado, de a turma onde foram feitas estas observações naturalistas ser uma turma com um bom rendimento na disciplina, o que pode traduzir a eficácia com que os alunos iam superando os problemas, apresentassem-se eles em texto ou noutro formato.

Quanto à diversificação de mensagens das fontes - convergentes/divergentes - as imagens e textos trabalhados seguiram sobretudo uma linha convergente de ideias. A confirmar este facto temos a entrevista realizada à Professora de História.

Uma outra pergunta - objectivo deste trabalho é que tipos de fontes de informação costumam na sala de aula complementar os manuais. Como é visível no Quadro 1, os materiais que complementavam as aulas de História foram vários. Os PowerPoint estão mencionados, os mapas, as fichas de trabalho, os globos, os acetatos e os documentos escritos, cartográficos e pictóricos. Daqui podemos concluir que a aula de História é complementada com várias fontes de informação, que não só o manual. Vários recursos adjacentes, acima referidos, completam sem dúvida a tarefa complexa de dar aulas ao professor de História. O mais utilizado é porém o PowerPoint, dado ser um recurso onde se pode colocar todo o tipo de informação, a ser projectada em aula.

Esta observação naturalista permitiu-me uma visão mais directa do que se passa efectivamente na aula. É uma visão indutiva, mas que terá sempre alguma subjectividade pois é necessariamente orientada pelas perspectivas do seu autor.

Concluí que, de uma forma geral, o livro não parece ter tendências unidireccionadas no seu uso, sobretudo ao nível das fontes. Os alunos lidam bem com os documentos extra manual, como o quadro pode atestar, e os recursos que complementam as aulas de História são sobretudo outros tipos de fontes de informação que ajudam os alunos a chegar ao conhecimento. Temos, como exemplo, os mapas, acetatos e PowerPoint. Não foram assinalados recursos como a Internet ou livros históricos ou educativos. O facto de, ao longo de meses de observação, nunca ter assistido ao manuseamento por parte dos alunos de livros extra manual, ou de uso de recursos via internet na sala de aula de História, faz-me afirmar que estes são recursos ainda pouco utilizados em alguns ambientes escolares, como neste caso.

Depois de observada esta lacuna, e vendo que era um novo filão a ser explorado nas aulas de História, este facto levou a que a minha abordagem às aulas passasse em muito pela utilização destes recursos, ainda algo desconhecidos dos alunos nesta disciplina.

Observações naturalistas na disciplina de Geografia:

Quadro 2. Excertos de Registos de Observação das aulas de Geografia

(Ver Anexo II)

Datas	Registos pertinentes das observações naturalistas
11/11/2009	“ A professora passou para a realização de um pequeno esquema no quadro sobre a pressão atmosférica”
18/11/2009	“De seguida passou-se para um esquema no quadro relativo à explicação dos tipos de humidade. Já no último momento da aula responderam a algumas questões do manual escolar relativas à formação de nuvens.”
06/01/2009	“O sumário foi: continuação da elaboração de um gráfico termopluviométrico. Caracterização de climas quentes.”
20/01/ 2010	“Foram distribuídos alguns dados estatísticos sobre a população, e os alunos tinham de os interpretar à luz de uma lista que lhe tinha sido entregue”
26/01/2010	“Para a explicação dos indicadores demográficos, a professora recorreu ao manual escolar adoptado para a análise de alguns gráficos e outras imagens. Por vezes essas figuras, mapas e gráficos eram interpretados em conjunto com os alunos” “A exploração do manual, a meu ver revelou ser uma boa estratégia para chegar aos conteúdos. Boas imagens, bons gráficos, mas sobretudo é a exploração da principal ferramenta de estudo dos alunos em casa. Ao se trabalhar esta ferramenta com alunos parece-me que a professora conseguirá obter resultados mais sólidos no que toca a conhecimentos dos alunos.”

Seguindo a mesma lógica da exploração do quadro anterior, o Quadro nº2 apresenta igualmente dados interessantes acerca do tipo e da forma como os conteúdos são explorados nas aulas de Geografia onde se deu a observação naturalista dos dados.

Os dados quanto à exploração dos manuais, revelam-se extremamente importantes para esta análise, pois indicam o tipo de exercício que foi explorado no mesmo. Como se pode ver na aula do dia 18/11/2009, os alunos recorreram ao manual para a resolução de exercícios, indicando claramente que este suporte da aula é usado não só para exemplos e explicações mas também para os alunos praticarem a teoria que aprenderam anteriormente.

Outro facto latente nestes exemplos de observação, é o tipo de fontes que os alunos usaram na exploração do manual. As fontes que nos são evidenciadas no Quadro 2 são fontes iconográficas, pois o registo fala-nos nos gráficos e nas imagens dos manuais no dia 26/01/2010. Podemos verificar que os suportes iconográficos parecem ter bastante importância para o estudo da Geografia. Aliás quase todos os exemplos acima transcritos, mesmo que não se reportem ao uso do manual são de índole iconográfica, o que nos indica a ampla e inequívoca utilização das fontes iconográficas em Geografia. Mesmo que os dados sejam pouco concretos face à utilização de fontes primárias ou secundárias, o uso de esquemas e gráficos indica-nos que a fonte secundária se sobreponha à primária.

De seguida, passamos então para a análise do Quadro 2, para a questão das fontes de informação que complementam a sala de Geografia.

Os exemplos acima transcritos, revelam um amplo uso do quadro preto na aula onde os alunos seguem os exemplos produzidos pela professora. Os esquemas no quadro são sem dúvida um constante na sala de aula onde se deu a observação naturalista da turma alvo de estudo. Outro dos recursos acima referido é a distribuição de pequenos esquemas de exercícios ou explicativos da matéria aos alunos. Este facto indica-nos dois tipos de factos bastante distintos face ao uso dos manuais. Estes esquemas provem sobretudo de outros manuais escolares, o que revela que a professora em determinadas matérias não segue à risca o manual adoptado. Este facto, indicia que vários guias escolares são utilizados para se alcançarem os objectivos e metas propostas pelo currículo nacional proposto pelo Ministério da Educação.

Ao longo de alguns meses de observação, as fontes de informação que mais complementavam as aulas de Geografia foram os mapas, os globos e muito raramente as

projecções multimédia. Estes materiais sobretudo os primeiros podemos afirmar que por si só são complementos quase que “naturais da sala de aula de Geografia, não acrescentado muito de novo a estudos anteriores.

Pode-se então chegar a uma conclusão sobre esta questão das fontes de informação utilizadas em Geografia no 8ºF. A internet, os vídeos, as bibliografias adjacentes parecem que neste caso ainda não foram muito exploradas. Este facto pode ser explicado, mas não justificado, dado o facto das péssimas condições da sala de aula onde decorriam estas aulas/observações. Não existia internet, mas existia computador o que quer dizer que a Internet é sem margem alguma uma das maiores e mais completas fontes de informação e que sem ela as aulas nos dias de hoje, cai-se no risco de se continuar num ensino ainda muito pouco informatizado, que utiliza os mesmo métodos de ensino de à 15/20 anos atrás, o que sobre um ponto de vista construtivista do ensino, não permite a evolução natural do aluno enquanto agente da sua própria educação e instrução, correndo-se portanto risco de continuarmos com um ensino demasiado verbalizado, de índole de recitação e de decoração dos conteúdos.

Os dados do Quadro 2, não nos indicam totalmente a reacção dos alunos face ao facto de se entendem ou não o que vêem nos manuais e se gostam de os explorar. Contudo a reacção dos alunos face ao manual parece ser boa dado que o observador faz referência no dia 26/01/2010 ao facto que de o Manual Escolar ter sido uma boa opção para a explicação dos exercícios em questão: “A exploração do manual, a meu ver revelou ser uma boa estratégia para chegar aos conteúdos. Boas imagens, bons gráficos, mas sobretudo é a exploração da principal ferramenta de estudo dos alunos em casa. Ao se trabalhar esta ferramenta com alunos parece-me que a professora conseguirá obter resultados mais sólidos no que toca a conhecimentos dos alunos”. Assim, está concluída a importância dos exercícios do manual escolar na sala de aula de Geografia, seja para alunos seja para os professores.

Este extracto da observação naturalista da turma em contexto de trabalho, mostra sobretudo a garantia de que os alunos possuem no seu manual bons exercícios e exemplos de trabalho, que o professor fica certificado que os alunos percebem a mensagem que lá está transcrita e que estes podem consolidar conhecimentos em casa, pois esta fonte de informação está sempre com eles.

A conclusão a que se pode chegar com estes dados levantados directamente na sala de aula é que os manuais escolares de Geografia assumem um papel preponderante nas aulas desta disciplina. As fontes mais utilizadas são sem dúvida as iconográficas e

as secundárias. O manual é sobretudo utilizado para exercícios e não tanto como mero guia curricular, como tantos outros docentes o fazem, onde seguem este como o seu orientador do currículo da disciplina. Os mapas, os esquemas no quadro e outros suportes como os globos continuam a fazer parte do dia-a-dia da disciplina de Geografia, sobretudo devido ao facto de a internet e o computador ainda serem pouco utilizados, ao contrário dos esforços que as devidas entidades têm feito para mudar esta mentalidade.

Os alunos parecem satisfeitos com o uso do seu manual de Geografia, e não há nenhum registo a assinalar se estes estão em desagrado com o manual adoptado pela escola, parecendo ter no seu manual de Geografia um guia de estudo, de informação e aprendizagem.

Nota:

Os resultados apresentados nos Quadros 1 e 2 acabam por justificar a necessidade da aplicação de questionários aos alunos para procurar respostas às questões-problema do presente trabalho. Os dados dos alunos, neste momento da observação naturalista, não foram alvo de uma verdadeira análise, tendo sido então bastante pertinente para o estudo a aplicação de questionários que indagaram os alunos acerca das principais questões a que se espera obter resposta

4.3 Implementação

4.3.1 Os Questionários

Os questionários que vão ser agora apresentados foram aplicados em contexto de sala de aula aos alunos do 8º F, nas aulas de História e de Geografia. Estes questionários foram preenchidos normalmente, sem que existissem dúvidas de maior face ao seu preenchimento. Todos os alunos preencheram os questionários sem qualquer tipo de oposição. Os alunos preencheram o questionário na parte final da aula e foi-lhes dito que o objectivo dos questionários era ajudarem o professor estagiário num trabalho sobre Manuais Escolares. Preencheram os questionários em Maio de 2010.

Estes questionários estarão apresentados de forma distinta, pois foram aplicados em tempos diferentes. Apresentam igualmente questões diferentes entre si pois tiveram intenções e objectivos diferentes. Responderam 24 alunos no primeiro questionário e 26 no segundo. Esta diferença justifica-se pela falta de presença de alguns alunos às aulas no dia do primeiro questionário.

Questionário 1 (Anexo III)

Neste Questionário (Q1), pretendeu-se sobretudo questionar os alunos sobre se estes costumam explorar os manuais na sala de aula; se o utilizam enquanto suporte de estudo em casa; se estes julgam que o manual escolar de História ou de Geografia é a sua principal fonte de conhecimento nas aulas das respectivas aulas; se este é a principal fonte de informação das disciplinas na escola ou se utilizam outras; e se entendem a forma como estes estão organizados e se os exploram.

A forma que se julgou mais pertinente para a apresentação de resultados foi elaborando gráficos sobre as respostas às várias perguntas de “sim” e “não”; para as perguntas em que o questionado tinha que responder forma aberta, decidiu-se organizar estas em categorias, seleccionando a pertinência de cada uma.

Na pergunta “ Costumas explorar os Manuais escolares durante as aulas” os resultados foram: 22 respostas afirmativas e 2 negativas (Gráfico nº2)

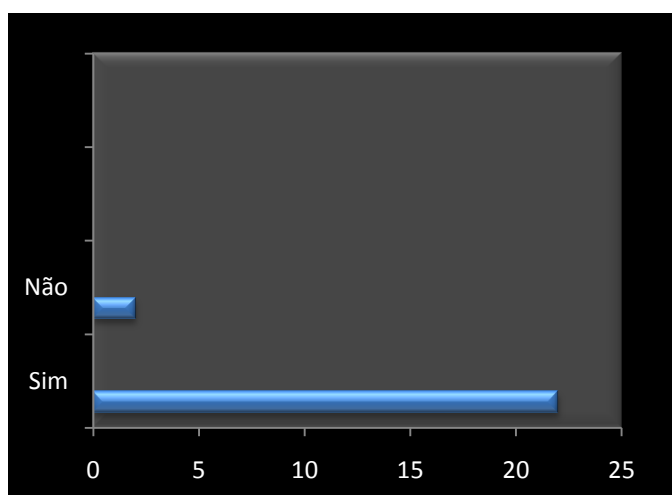


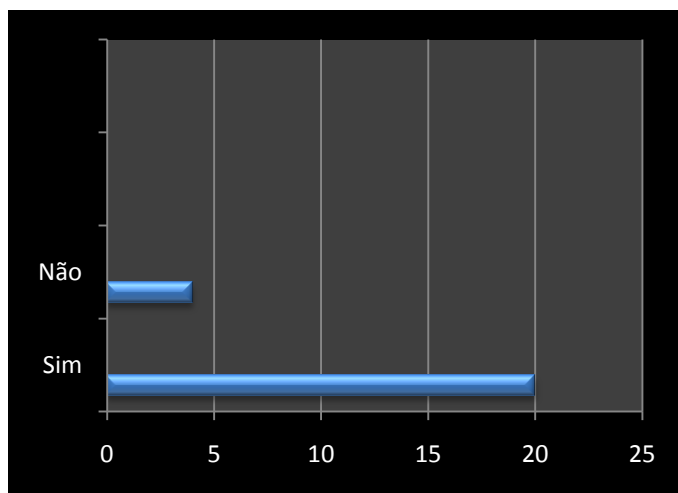
Gráfico 2. Respostas dos alunos à questão nº 1 (Q1).

Tal e qual podemos observar pela esmagadora maioria das respostas que aqui são evidenciadas, os alunos mostraram uma quase unanimidade que é hábito seu, em História e em Geografia, utilizarem os seus Manuais escolares. Estes dados indicam que os alunos não marginalizam

de forma alguma este seu recurso escolar de capital importância.

Fica aqui demonstrado, por via da resposta esmagadora dos alunos, que estes costumam explorar os seus Manuais escolares nestas duas disciplinas.

A questão seguinte, “Quando estudas em casa usas preferencialmente o Manual Escolar?” , 20 responderam “Sim” e 4 responderam que não (Gráfico 3).



A resposta parece mais uma vez ser completamente conclusiva. Os alunos mostraram que quando estudam em casa usam preferencialmente o manual escolar das disciplinas de História e de Geografia.

Através destes dados, confirma-se que o Manual escolar assume capital importância para os alunos enquanto ferramenta de trabalho em casa, mostrando ser amplamente usado por quase todos os alunos.

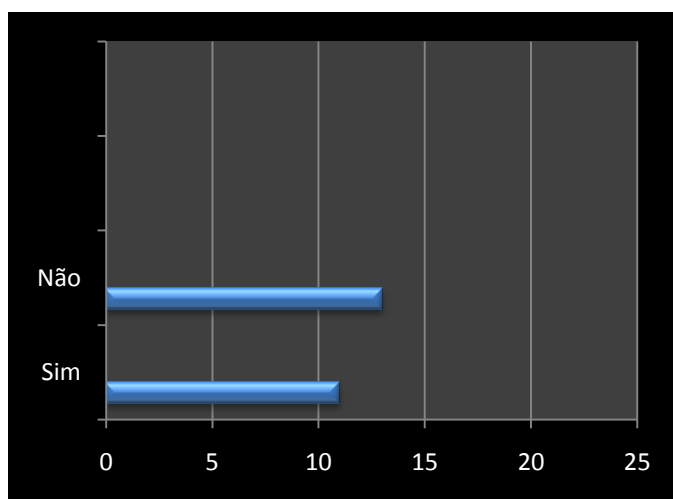
Esta pergunta era complementada por uma outra: “Se sim porquê?”. A maioria dos alunos que respondeu que usa preferencialmente o Manual justificou conforme mostra a Tabela 1.

Tabela nº 1

Mais citadas	É o que tem mais informação organizada” ; “Toda a matéria para estudar” ; “Porque tem exercícios” , “Porque tem gráficos e textos” ; “Ajuda no estudo diário” e o “Manual é mais explícito” .
Menos citadas	“Uso o manual escolar e também o caderno diário”

Como se pode observar facilmente através das respostas, os alunos mostram que o manual é utilizado por eles porque este é a sua principal fonte de estudo, onde se encontra a matéria bem explicada e com os mais variados exemplos. Referência ainda que alguns alunos mostram que completam em casa o seus estudos com o caderno diário o que pressupõe que estes alunos sintam que há igualmente notas de registo importantes nos seus cadernos diários de Geografia e de História.

À pergunta que se seguiu no questionário, “Consideras o teu manual escolar como principal fonte de conhecimento nas aulas?” 11 alunos responderam “Sim” e 13 responderam que “Não” (Gráfico 4).



Os resultados aqui apresentados acabam por ser um tanto ou quanto surpreendentes. Ao contrário do que se passa com o uso do manual em casa, os alunos afirmam que nas aulas esta não é sua principal fonte de trabalho. Tal facto pode-se explicar no

nº 4 (Q1).

no sentido que o professor assumirá o papel primordial no que toca ao desenvolvimento das aulas, segundo os alunos. Apesar da vitória marginal do não, para outros alunos o manual continua a ser a sua principal fonte de conhecimento nas aulas. Esta posição reforça ideias anteriores quanto ao papel capital dos manuais de História e de Geografia nas salas de aula.

A próxima pergunta foi “Utilizas o manual como principal fonte de informação na escola?” 15 alunos responderam “Sim” e 9 responderam “Não” (Gráfico 5).

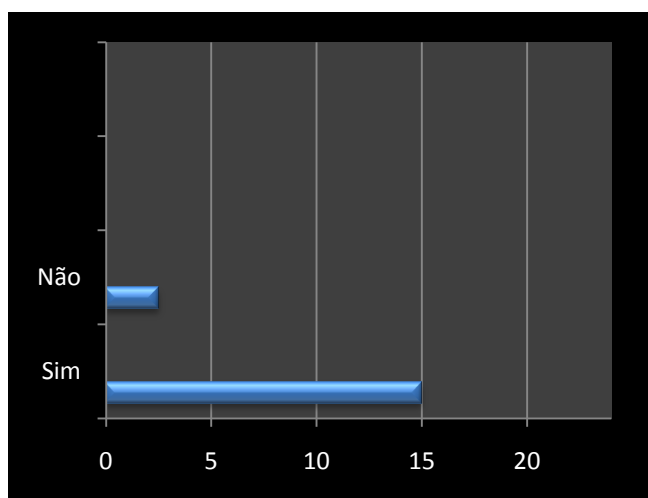


Gráfico 5 Respostas dos alunos à questão nº 5 do (Q1)

Como podemos observar, os alunos continuaram a mostrar que utilizam como fonte principal de estudo na escola o Manual Escolar. Isto pressupõe que a grande maioria dos alunos, na escola, cinge o seu processo de aprendizagem meramente ao manual.

Contudo 9 alunos responderam que não. Estes alunos mostraram que a sua principal fonte de conhecimento não passa só pelos manuais, utilizando assim outros recursos que encontram na escola. Eis as respostas deles na Tabela 2.

Tabela nº 2

Mais citadas	<p>“Os professores” ;</p> <p>“Os apontamentos”</p> <p>” A internet”</p>
Nível de citação médio	<p>“As fichas de trabalho e informativas”</p> <p>“Esquemas e PowerPoint”</p>
Menos citadas	<p>“Outros suportes multimédia”</p>

À pergunta que se seguiu, “Normalmente entendes a forma como os manuais de História e Geografia estão organizados?” 20 alunos responderam que “Sim” e 4 “Não” (Gráfico 6).

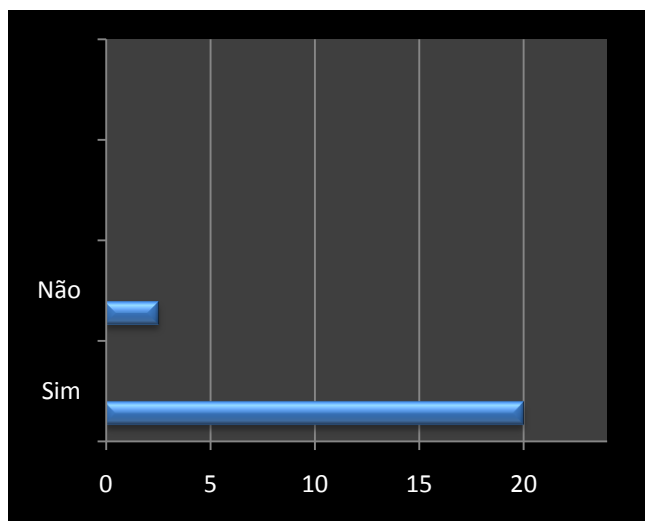


Gráfico 6. Respostas dos alunos à questão nº 7 (Q1).

De forma esmagadora, os alunos dizem perceber a forma como os manuais de História e de Geografia estão organizados. Tal dado fornece sobretudo, como implicações futuras, um estímulo para um maior à-vontade do professor em utilizar o seu manual de Geografia ou de História, pois os alunos afirmam

estarem à-vontade para trabalharem com este suporte, que parece ser bem aceite por eles.

Na pergunta “Sentes dificuldade na sua exploração?”, 20 responderam “Sim” e 4 “Não” (Gráfico 7).

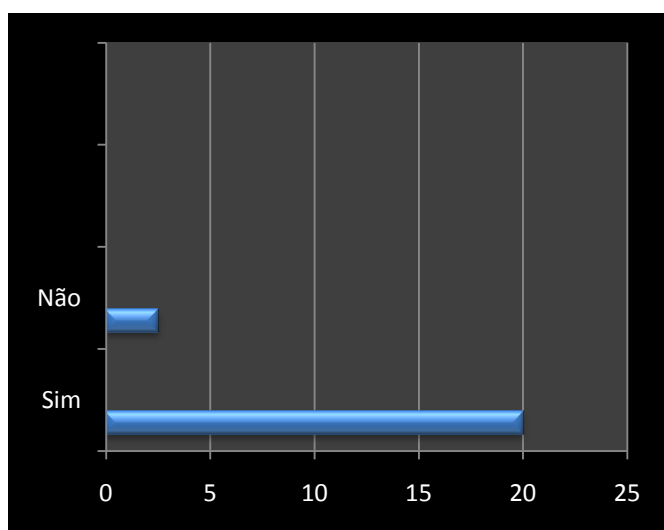


Gráfico 7. Respostas dos alunos à questão nº 8 (Q1).

Esta resposta esmagadora do sim, dá razão, se assim se pode afirmar, à pergunta anterior. Com esta maioria, depreendemos sem dúvida que os alunos se sentem à-vontade quando exploram os manuais escolares, não o considerando como um problema

mas sim como um meio de ajuda às dificuldades que lhes vão continuamente sendo propostas, seja em ambiente de sala de aula, seja em casa, em ambiente de estudo e de sistematização da matéria. Desta forma, é válido afirmar que os alunos entendem os conteúdos referidos nos manuais escolares de Geografia e de História. Tal como referi anteriormente, os manuais de História e de Geografia saem, assim, beneficiados com estes resultados, que fornecem uma pequena amostra, mas viva, da sua eficácia junto dos alunos.

Contudo, e para aqueles que afirmassem que não entendiam, foi-lhes dada a oportunidade de justificar o não. Nenhum dos alunos respondeu ao que lhes era pedido, embora só quatro o tivessem mesmo que fazer. Como explicação para esta atitude, considero que, no final da aplicação do questionário, os alunos estavam já agitados para sair da sala de aula pois estava na hora do recreio.

Algumas conclusões podem agora ser retiradas da aplicação do Questionário 1, embora ainda não seja o questionário mais importante para a implementação do Projecto.

Este questionário, que teve sobretudo como alvo de estudo os alunos mostrou, através dos dados acima referidos, conclusões bastante explícitas. Como tal, neste momento podemos afirmar, com base no que vimos, que os alunos costumam com frequência explorar os manuais, e que o usam preferencialmente para estudar em casa. Tais dados indicam que o Manual, é uma peça chave para estes alunos na construção do seu processo de ensino/aprendizagem. Os alunos justificaram esta escolha porque sobretudo é nos manuais escolares, neste caso nos de História e Geografia, que eles encontram os melhores exemplos, os melhores exercícios e as explicações mais válidas.

Contudo alguns dados surgiram muito importantes na análise dos dados deste Questionário, pois os alunos afirmaram (embora que não em maioria) que o manual não é a sua principal fonte de conhecimento nas aulas. Aqui o professor parece ultrapassar em importância o manual, sobretudo porque este é quem explica os conteúdos dos manuais aos alunos.

O manual foi aqui também mostrado como a fonte principal na escola para a maioria dos alunos, o que reforça a posição capital dos manuais escolares de História e Geografia. Contudo outros alunos referiram a internet, os professores e os apontamentos como a fonte principal de conhecimento na escola. Respondendo a uma das perguntas deste trabalho, que é “Que fontes de informação costumam complementar os manuais e na sala” podemos verificar, que embora os acima mencionados façam parte da categoria da escola e não da sala de aula, são aqueles que complementam maioritariamente o universo dos manuais escolares de História e Geografia.

Por fim, os alunos mostraram que entendem a forma como os manuais das disciplinas em questão se organizam e que não sentem grandes dificuldades em os explorar. Este ponto responde inequivocamente à pergunta objectivo deste estudo

“Compreendem os alunos que vêm no manual de História e Geografia?” . Pelo que podemos depreender pelos resultados aos alunos não só percebem como não exibem dificuldades de maior.

Questionário 2 (Anexo III)

O Questionário 2 (Q2) foi aplicado em contexto de sala de aula, numa aula de Geografia. Neste questionário participou toda a turma (26 alunos) do 8º F, que responderam sem grandes dúvidas acerca do conteúdo inquérito. Este inquérito faz parte já da primeira parte da implementação do estudo, pois enquadra-se sobretudo com a indagação aos alunos da questão de utilização de fontes, da importância de alguns recursos utilizados nas salas de aula de Geografia e de História. Com os resultados deste questionário partiu-se para as estratégias que tentaram de alguma forma dar solução aos problemas levantados pela obra.

A primeira pergunta do Questionário foi “ Quando utilizas o Manual Escolar como fonte de informação privilegias alguma fonte (imagens, textos)

24 Alunos responderam que “Sim” e 2 “Não”

Esta resposta inequívoca mostra que os alunos dão grande privilégio ao tipo de fontes que escolhem quando vão explorar o manual. Falta apenas saber quais, resposta que deram a seguir.

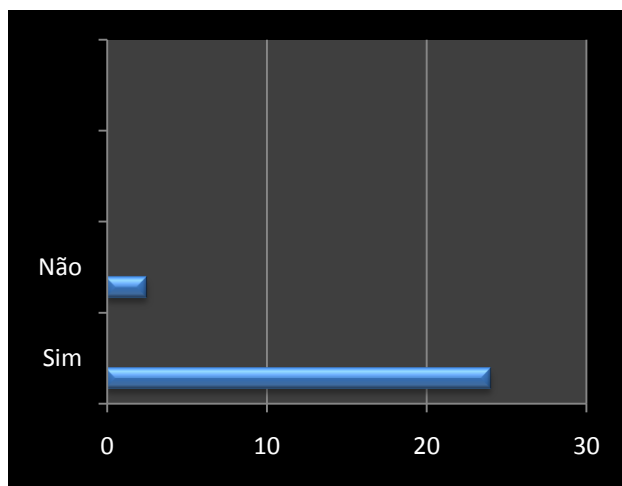


Gráfico 8. Resposta dos alunos à questão nº1 (Q2)

Tabela nº3

Os alunos que responderam “Sim” elegeram as seguintes <u>fontes de informação</u> que privilegiam nas duas disciplinas	
História (manual)	Geografia (manual)
Textos: 15	Textos: 12
Imagens: 1	Imagens: 5
Gráficos: 1	Gráficos: 3
Documentos: 9	Documentos: 0

Alguns alunos, por motivos alheios à investigação não chegaram a responder na sua totalidade à questão da escolha de fontes do manual escolar de Geografia.

Com estes resultados podemos então concluir, que a Fonte de Informação mais escolhida em História são os textos e os documentos. Isto é as fontes escritas, assumem sem dúvida uma primazia na escolha de fontes do manual por parte dos alunos. Tal nos indica que é então nos documentos escritos que os alunos baseiam as suas buscas rumo a uma melhor aprendizagem.

A pergunta que se seguiu foi : “Consideras que os Manuais de História e Geografia são explorados de forma diferente?” 9 alunos responderam que “Sim” e 17 responderam que “Não”.

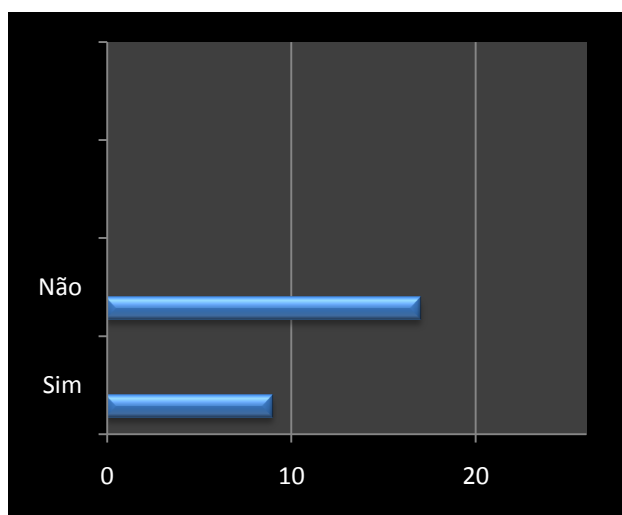


Gráfico 9. Respostas à questão nº3 do (Q 2)

O resultado desta pergunta mostra-se algo dividido. Assim, alguns alunos, 7 nomeadamente mostraram que sentem que a exploração é diferente nas duas disciplinas. Vejamos então quais as diferenças que eles assinalaram para as duas disciplinas na Tabela 4.

Tabela nº 4

História	Geografia
<p>Maio exploração de:</p> <p>“Textos, documentos”</p> <p>Alguns alunos assinalaram que se explora mais os manuais de História do que Geografia.</p>	<p>Maior exploração de:</p> <p>“Gráficos e imagens”</p> <p>Manual menos explorado em Geografia</p>

Com estes dados, assistimos a um reforço que na Disciplina de História se explora mais os textos e os documentos e menos as imagens. O mesmo não acontece na disciplina de Geografia onde há uma maior primazia das fontes iconográficas. As fontes de origem pictórica aparecem então como mais usadas e importantes para os alunos nesta disciplina.

De realçar então, as diferenças metodológicas que os alunos assinalaram para as duas disciplinas, mostrando então, um melhor relação com as fontes escritas, os documentos e os textos na História e uma maior familiarização com as imagens e gráficos na Geografia. Pode-se assim atestar, com fundamentação nestes dados, que os manuais seguem um tipo de exploração diferente nas duas disciplinas (História e Geografia).

A pergunta que se seguiu no Questionário indagou os alunos se recursos como o PowerPoint, vídeos, esquemas e imagens eram os principais complementos dos manuais de História e Geografia. 22 alunos reponderam que “Sim” e 4 que “Não”

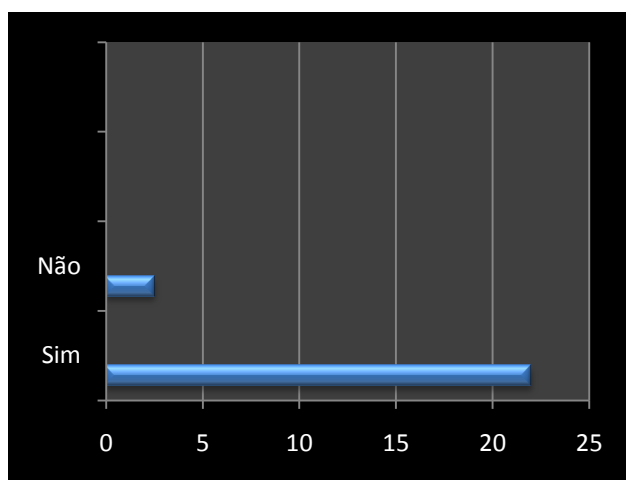


Gráfico 10. Respostas à questão nº 3 do (O2)

A grande maioria dos alunos mostrou que os Vídeos, Imagens, Esquemas e PowerPoint são os principais complementos dos manuais escolares de Geografia. Restava saber porém em quais das disciplinas (História/ Geografia) consideram os alunos eles serem mais importantes.

Como tinham que responder separadamente em qual das disciplinas julgavam ser mais importantes como complemento dos Manuais Escolares, dividiu-se as suas respostas na área da História e na área da Geografia. Apresentou-se os resultados sob a forma da importância.

Tabela nº5

Maior importância em História	10
Igual Importância	4
Maior Importância Em Geografia	12

Chega-se então à conclusão, que os alunos julgam mais importantes enquanto complemento dos manuais escolares, os vídeos, imagens, esquemas e PowerPoint em Geografia do que em História.

Contudo, é nas aulas de História que estes são mais utilizados segundo os alunos. 18 alunos afirmam que é na aula de História que mais se trabalha este tipo de recursos, 3 dizem ser em ambas, e apenas 5 dizem que é em Geografia que estes mais se utilizam.

Quanto à questão se existe relevância de matérias por parte dos manuais, 15 alunos responderam que “Não” e 11 que “Sim” .

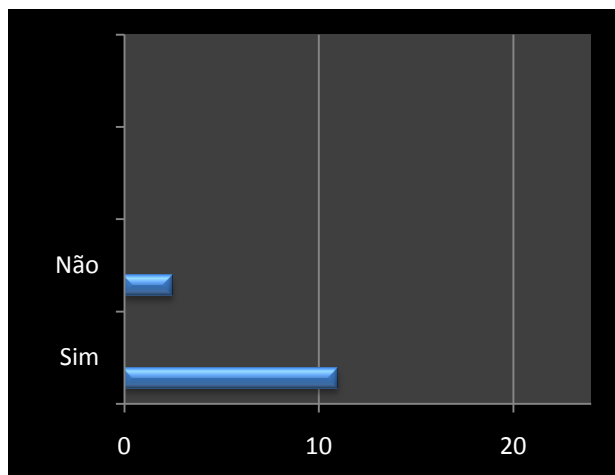


Gráfico 11. Resposta à questão 10 do (Q2)

A disciplina onde os alunos mais sentem que existe algum tipo de privilégio, é em História. Dos 11 “Sim” 7 assinalaram que História privilegia mais algumas matérias, ao invés da Geografia que só teve 4 menções quanto a esta questão.

A questão que se seguia era relativa ao uso do manual escolar. Este complemento do manual tantas vezes esquecido, mostrou exactamente que ele pouco se utiliza nas salas de aula de História e Geografia. Os alunos responderam que apenas em Geografia utilizavam este complemento, onde a disciplina foi assinalada por quase todos alunos, havendo apenas um aluno que disse que explorava nas duas. Nenhum aluno assinalou porém o uso deste suplemento dos manuais em História.

Tal facto alerta-nos uma vez mais para o caso de muito dos complementos de que os manuais se fazem acompanhar aquando da sua compra são algo esquecidos por alguns professores, descartando assim uma ferramenta rica em exercícios e em sintetização da matéria, o que se revela penalizador para o aluno.

Para terminar, os alunos unanimemente gostam dos manuais escolares. Quando questionados sobre se de uma forma geral gostam ou não de explorar os manuais, mostram, uma vez mais, que os manuais são a ferramenta para o conhecimento em que eles mais confiam e lhes agrada trabalhar. Aliás, cruzando esta ultima pergunta com a primeira pergunta do primeiro questionário “Costumas explorar os manuais escolares durante as aulas” estes também respondem maioritariamente que sim. Tais dados revelam exactamente que os alunos têm no manual o seu mais importante suporte de informação.

4.4- Estratégias

Depois de analisados todos estes resultados, parte da implementação do Projecto passou sobretudo pela aplicação nas aulas de Fichas de trabalho e da adopção de recursos inovadores nas aulas, que tentassem demonstrar aos alunos uma nova visão sobre novas fontes a serem exploradas e a serem utilizadas nas salas de aula.

Como pudemos observar ao longo de todo o levantamento de dados do Projecto, estes alunos pareciam dar indícios de um certo marasmo no que toca a utilização de diversos recursos nas suas aulas.

Um dos exemplos nunca citados pelos alunos como fonte adicional de recursos do saber às suas aulas, na área da História, foram as visitas de estudo. As visitas de estudo são um excelente meio de aprendizagem para os alunos no contexto da História. Tal facto despertou-me a curiosidade em saber realmente qual a reacção destes alunos perante este recurso, propiciador de contactos com fontes primárias que podem ser ricas em pormenores, ricas em “História” .

O que decidi fazer foi uma visita de estudo a um museu virtual, para testar a reacção dos alunos perante este tipo de exploração, totalmente esquecida pelos alunos ao longo do levantamento de dados.

A visita de estudo foi feita dentro da própria sala com os alunos, sob a supervisão da orientadora de Estágio e da Supervisora de Estágio. O local escolhido para visitar foi o Museu de São Martinho de Tibães, Braga.

Este é um excerto do Plano da aula de História que iria ser implementado no dia 12/05/ 2010:

“No quarto momento de aula, os alunos irão fazer uma ficha de trabalho com os conhecimentos que já adquiriram. Esta ficha de trabalho servirá igualmente para os conduzir ao conhecimento sob forma do paradigma pedagógico construtivista. Ao longo da elaboração, os alunos serão auxiliados pelo professor em caso de dúvida. O trabalho será realizado a pares. Para finalizar a aula, será feita a correcção da ficha de trabalho e de seguida a projecção de alguns dos principais monumentos barrocos em Portugal e a visita virtual ao Mosteiro de Tibães.”

A iniciativa foi recebida com grande euforia pelos alunos, que seguiram a visita virtual com grande expectativa dado que, em quatro anos da disciplina de História,

nunca tinham feito semelhante actividade. O resultado foi uma melhor consolidação dos conhecimentos sobre o Barroco e um aumento exponencial do interesse pela matéria.



Imagem da visita Virtual ao Mosteiro de S. Martinho de Tibães

Outro dos pontos que tentou responder aos resultados indiciados pelos alunos nos questionários foi o facto de estes mencionarem muitas vezes que, em História, grande parte daquilo que é explorado serem textos. Depois de me ter tornado sensível a este facto, foi pertinente então que apresentasse aos alunos fichas de trabalho diferentes, quanto às fontes.

Várias fichas de trabalho mostraram então a reacção destes a uma exploração da História via imagem. As fichas de trabalho a seguir referidas servem então, como exemplo, dessa implementação das imagens como fonte históricas, ou sobretudo como um meio de chegar aos conteúdos históricos.

Ficha nº1



4 de Agosto de 1578, Alcácer Quibir

1- Indica os principais motivos da Campanha africana de D.Sebastião.

2- A partir do vídeo que acabaste de observar, indica quais as principais consequências da Batalha de Alcácer Quibir para o Reino de Portugal.

Bom Trabalho!

O Professor: João Carlos Lima

Como se pode observar, esta ficha de trabalho indicia sobretudo a utilização da imagem como principal fonte histórica. Esta fonte secundária, pois não é uma imagem da época, serve como base à realização da ficha de trabalho.

Ficha nº2

Observa com atenção a Fonte 2



1) Refere as características da Arte Barroca presentes na Fonte 2.

2.) Indica o nome do espaço representado na Fonte 2.

Bom trabalho

O Prof. João Lima

Tal e qual é mencionado nos objectivos deste estudo, o principal estudo desta obra é avaliar as tendências no uso de manuais escolares e seus recursos subjacentes.

Assim, a implementação do meu Projecto passou sobretudo por procurar perceber as lógicas de exploração para entendermos certas dinâmicas de aula e não tanto para as alterar. Contudo, neste caso, tentou-se verificar como os alunos reagem perante as fontes iconográficas, que eles assinalam que pouco utilizam.

Quanto às fontes no que diz respeito à mensagem optou-se pelas convergentes dado os alunos se mostrarem mais à-vontade com elas. Tantos outros exemplos podiam ser dados, mas aqui ficam apenas alguns exemplos.

Na área da Geografia, seguiu-se uma estratégia oposta. Optou-se então, por atestar a então maior familiarização dos conteúdos geográficos dos alunos com os gráficos e com as imagens, visto que estes os consideram muito importantes para o seu estudo e compreensão das temáticas.

Outro dos factores mais evidentes foi a falta de recursos extra manual escolar que os alunos mostraram ter nas suas aulas.

Com esses dados dos alunos, tentou-se colmatar essa falha e utilizar nas aulas os PowerPoint, os vídeos...em clara substituição dos recursos que eles normalmente utilizavam. Aqui tentou-se contrariar um pouco as tendências de aula a que estavam habituados. Aliás, a utilização de vídeos e PowerPoint, foi uma constante nas aulas de Geografia, devido às tendências que os alunos mostraram ser mais evidentes nos questionários respondidos por eles.

Excerto de Ficha de
Trabalho de Geografia

Observa atentamente o Gráfico1

1.1) Refere os dois principais destinos de chegada dos portugueses na época assinalada no gráfico

.....
.....

1.2)Refere duas causas para que estes países fossem os mais escolhidos pelos portugueses como países de acolhimento.

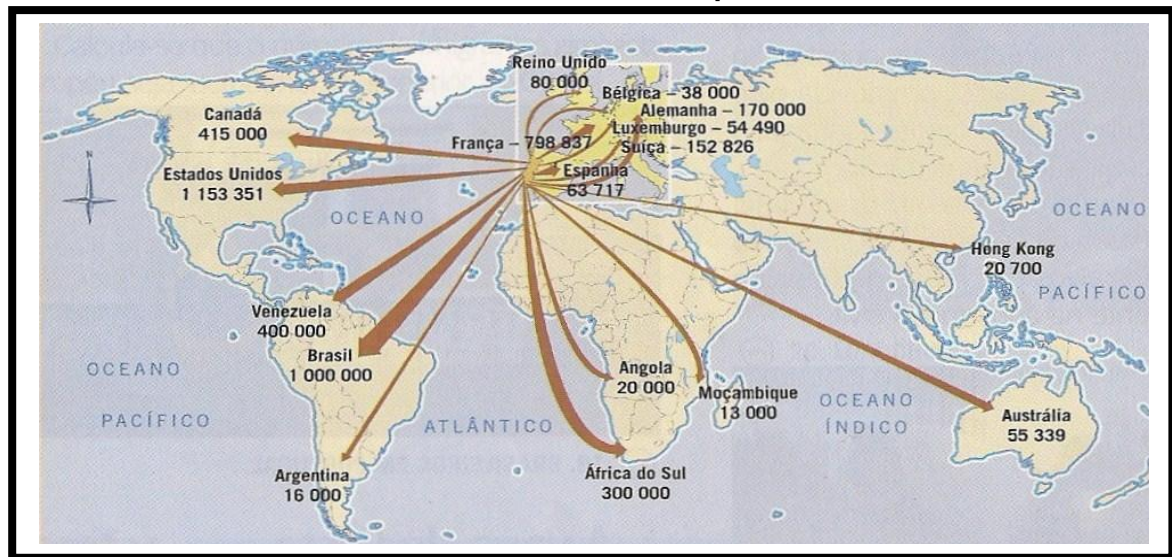
.....
.....



(Gráfico 1) Emigração Portuguesa 1900-1960

Excerto de Ficha de Trabalho
de Geografia

Observa atentamente o Mapa 1



(Comunidades Portuguesas e o destino dos emigrantes portugueses)

2.1 Indica os países (4) onde existem o maior número de comunidades portuguesas.

Como podemos assistir nestas fichas, os gráficos e as imagens (Mapas) mostram, a importância que foi dada depois de auscultadas as tendências de uso de fontes nas aulas de Geografia. O uso das fichas de trabalho foram ao longo da leccionação (minha) foi uma constante prática nas aulas, dando assim continuidade à importância destas fontes iconográficas (primárias ou secundárias) na leccionação e entendimento dos conteúdos geográficos.

4.5-As entrevistas. (Anexo IV)

As entrevistas fizeram parte igualmente do estudo, enquanto instrumento de recolha de dados e de implementação do projecto.

Estas tiveram sobretudo como objectivo perceber a posição dos professores no que toca aos objectivos deste estudo, já mencionados no Capítulo I. As entrevistas individuais, quer no caso da professora de História, quer no caso da professora de Geografia, decorreram fora do ambiente de sala de aula. Realizaram-se no final do ano lectivo.

O guião da entrevista foi previamente distribuído às entrevistadas e era semi-fechado. A entrevista permitiu perceber nas duas áreas quais o tipo de fontes que, segundo as professoras, são mais exploradas nas duas disciplinas; quais as fontes que julgam ser as que os alunos compreendem melhor na sua disciplina; se o manual escolar é a principal fonte de informação nas suas aulas; que outro tipo de recursos normalmente complementam as suas aulas e com que frequência estes são usados; e se os cadernos de actividades são explorados com frequência nas aulas.

A apresentação dos resultados foi dividida pelas duas disciplinas, onde se tentou reproduzir com a maior fidedignidade as respostas das entrevistadas. A quando esta entrevista decidiram responder a estas questões por escrito, para maior aproximação dos resultados com os factos apresentados.

4.5.1- A entrevista à professora de História

Quando questionada com a pergunta sobre que fontes costuma privilegiar mais do manual em sala de aula, a professora de História assinalou que as fontes normalmente por ela escolhidas são bastante variadas, passando então pelos textos, mapas, imagens e gráficos, se bem que este último tipo não costuma ser uma constante. Assinalou ainda que estas fontes são normalmente fontes secundárias.

Quanto à questão de usar mais fontes convergentes ou divergentes, esta assinalou que ambas, não existindo uma preferência. O factor, para o uso deste tipo de

fontes, é então segundo a entrevistada o tipo de turma e seu rendimento, e o tipo de manual escolar que naquele ano tiver sido adoptado.

Na segunda pergunta, a entrevistada foi questionada sobre qual a fonte que julga que os alunos compreendem melhor na sua disciplina. A resposta da professora voltou-se para as fontes secundárias pois, segundo ela, são mais fáceis de interpretar, e também para as fontes iconográficas pois “uma imagem vale por mil palavras”. Foram estas, então, as justificações apresentadas para a pergunta acima assinalada.

Na questão seguinte perguntava-se se o manual escolar era a principal fonte de informação nas suas aulas, ao qual a professora respondeu que o manual não é a principal fonte de informação, mas que é fundamental, crucial mesmo, pois os alunos têm necessidade de visualizar a matéria que lhes está a ser leccionada.

De seguida, passou-se para a questão dos recursos que normalmente costumam complementar as suas aulas. A professora assinalou que gosta de utilizar os PowerPoint, os vídeos, a Internet mas que estes recursos variam bastante de utilização com as condições da escola onde se encontra a leccionar. As visitas de estudo são outro dos complementos das aulas, mas estão demasiado sujeitas às escolhas e aprovações de terceiros sendo, por isso, raras.

Por fim, a última questão estava relacionada com o uso do caderno de actividades nas suas aulas. Nesta questão, a professora de História desviou a questão para o caderno diário fazendo menção a um grande uso do mesmo. Este desvio na resposta indicia talvez uma rara frequência do uso do caderno de actividades na aula de História, facto já confirmado com os questionários aos alunos.

Como podemos observar, as fontes iconográficas e as fontes secundárias são dos formatos e tipos de fontes mais utilizados neste caso, por serem aquelas que, segundo a docente, os alunos melhor entendem. Contudo, os recursos utilizados variam sobretudo com as condições da escola e daquilo que oferecem os manuais escolares adoptados. O manual não se assumiu aqui como a principal fonte de informação dos alunos, mas é capital pois é o único meio que os alunos têm para seguir os conteúdos programáticos. A frequência do uso dos materiais complementares varia igualmente, sendo alguns, como as visitas de estudo, menos frequentes que o desejado. Por fim, a professora indicou o caderno diário como uma ferramenta muito importante nas suas aulas, em detrimento da pergunta sobre o uso do caderno de actividades. A resposta foi considerada mesmo assim viável, mas indicou o pouco uso do mesmo.

4.5.2-A entrevista à professora de Geografia

A entrevista à professora Fátima Marques começou com a indagação à mesma sobre quais os tipo de fontes que privilegia mais dos manuais escolares em sala de aula. Esta seleccionou as fontes secundárias, e que usava tanto fontes divergentes como convergentes não existindo portanto uma separação evidente no uso das mesmas. Alguns exemplos foram até referidos pela docente como “artigos de opinião”, “fontes estatísticas (INE) ” ou a “Internet”.

Na questão quanto às fontes que os alunos melhor compreendem na sua disciplina, esta focalizou as fontes secundárias, as fontes convergentes, as fontes iconográficas. A justificação apresentada foi que geralmente são mais objectivas, são fontes em que os alunos mais apostam. Afirmou ainda, que as fontes escritas em Geografia causam por vezes maiores dificuldades seja na interpretação seja na aplicação posterior de conhecimentos.

De seguida passamos para a questão relativa ao manual escolar enquanto principal fonte de informação das aulas de Geografia. A professora, afirmou que era muito importante mas não só, pois “deve-se procurar outros meios de informação, fichas, PowerPoint, textos e materiais ligados às tecnologias informáticas.

A questão que se seguiu, a pergunta nº 4 do guião da entrevista, perguntava então à docente sobre que tipo de recursos complementares mais utilizava nas suas aulas. A resposta recaiu para as fichas de trabalho, que afirmou serem uma constante no seu dia-a-dia de leccionação da disciplina de Geografia. Mais uma vez os PowerPoint foram apontados, mas apenas com uma frequência inferior à semanal, dando a entender que é um recurso utilizado mas não muito. Aqui volta a surgir como justificação as condições das salas de alguns blocos da sala. Por fim realçou igualmente as visitas de estudo que são extremamente raras. Surpreendente foi a professora de Geografia fazer menção á distribuição adicional. Este facto foi confirmado pelas observações naturalistas, onde chega a ser mencionado que são distribuídos aos alunos, excertos,

fragmentos de outros manuais escolares nas aulas para estes trabalharem ou para estes complementarem as suas aprendizagens.

Por fim a última questão que se remetia para o uso do caderno de actividades, foi explicado pela docente que o utilizava algumas vezes, facto confirmado pelos alunos nos questionários. Esta referiu, que a maior utilidade do caderno de actividades, era sobretudo o “reforço da aprendizagem”, pois “permite a realização de exercícios e o aprofundamento de conteúdos. Apesar de tudo isto, a utilização não é mais frequente pois nem todos os alunos possuem o caderno de actividades.

Assim, podemos concluir que em Geografia as fontes secundárias assumem um papel privilegiado enquanto fonte do manual. A professora fez menção que as fontes secundárias, as convergentes e as iconográficas são geralmente aquelas que os alunos melhor entendem em Geografia pois as fontes primárias e as fontes escritas são muito mais difíceis para os alunos.

O manual é visto como uma peça fundamental para as aulas de Geografia, mas na visão desta professora deve-se variar sobretudo com outros recursos, como textos adicionais ou meios audiovisuais.

Os recursos complementares mais utilizados nas aulas são a bibliografia adicional e os PowerPoint, embora que estes não são utilizados semanalmente pela professora nas suas aulas.

4.6- Conclusão

Aquilo que podemos concluir, do levantamento dos questionários das entrevistas, é que professores e alunos estão de acordo com a visão que os dois grupos têm sobre os manuais. Aliás, os professores evidenciaram saber onde os alunos têm mais dificuldade, seja em História seja em Geografia.

Nas duas disciplinas, a imagem aparece como uma fonte considerada muito importante. Alunos demonstraram nos questionários que preferem este tipo de fontes e que têm maior facilidade em obter melhores resultados com elas. Por seu turno, os professores acabam por privilegiar alguns meios iconográficos em detrimento das fontes escritas pois, segundo eles, os resultados parecem ser melhores nas duas disciplinas se insistirem mais nas fontes iconográficas.

Os alunos revelaram que gostam e entendem bem os manuais escolares e que gostam de os trabalhar pois sentem que estes normalmente estão bem organizados e que não privilegiam matérias. Mostraram ainda a importância do manual para a compreensão dos conteúdos curriculares, pois ele assume-se como o único meio que estes têm para os seguir.

As fontes convergentes aparecem, nas duas disciplinas, com uso privilegiado, sendo ainda mais acentuada na área da Geografia do que na de História. No mesmo patamar estão as fontes secundárias. Professores e alunos mostraram que se sentem melhor com este tipo de fontes, visto que os textos ou imagens enquanto fontes primárias muitas vezes são mais difíceis de interpretar e de levar o aluno à compreensão dos assuntos.

Por fim, em Geografia, os complementos do manual assumem uma maior importância nas suas aulas. O uso de esquemas, gráficos, PowerPoint e do caderno de actividades mostra uma ampla utilização na sala, sobretudo mais intensiva. Em História o manual actua mais a solo, ficando a utilização de outros materiais complementares mais marginalizados.

CAPÍTULO 5 – Reflexões Finais

5.1- Considerações acerca dos resultados do estudo

O Manual escolar é imbuído de uma centralidade tal no processo de ensino e aprendizagem que suscita um grande interesse pelo seu estudo, pois é o instrumento, a ferramenta pedagógica mais utilizada no ensino da História e da Geografia, como em muitas outras disciplinas, tal como Morgado (2004) acentua, referindo até que, para os alunos, é o único guia do currículo.

Apesar de tudo isto, as primeiras observações naturalistas feitas na turma onde decorreu o estudo denunciaram que os manuais escolares de História e Geografia, apresentavam tendências ao nível das fontes e dos exercícios quando usados. Era preciso então verificar que tendências de uso dos manuais seriam mais frequentes, como eles eram explorados na aula.

Outra questão, era tentar perceber se efectivamente eles eram a principal fonte de informação nas aulas ou se existiam outros recursos que assumissem igualmente um papel cabal no desenvolvimento das aprendizagens dos alunos nas aulas. E os alunos também, neste trabalho, foram chamados a responder sobre estas temáticas, pois tentei averiguar qual o grau de empatia que estes tinham para com os manuais.

A implementação do estudo, propriamente dita, começou com a aplicação dos questionários, que foram produzidos segundo duas matrizes: as perguntas-problema do Desenho do Projecto de Intervenção Pedagógica e as observações naturalistas. Estas observações naturalistas produziram resultados, que evidenciavam os primeiros registos das tendências do uso dos manuais escolares e de práticas educativas dentro da sala de aula.

Começando pelos resultados de todos os levantamentos na área da História, estes começaram-se a desenhar com as observações naturalistas, que demonstraram que as fontes escritas assumem um papel primordial na disciplina. Estas fontes são muito provavelmente aquelas que no dia-a-dia mais se usam quando se exploram os manuais de História em aula. Porém, os professores consideram que os alunos gostam mais de usar as fontes iconográficas, segundo a entrevista feita à professora de História, embora a investigação mostre que têm alguma dificuldade em as explorar e interpretar.

Uma das opções então da implementação do Projecto foi a realização de várias fichas de trabalho que tivessem como fontes principais imagens sob diferentes suportes (incluindo o das TIC), de forma a ir ao encontro de um ensino mais estimulante para os alunos. Foi aquilo que fiz, e aquilo que melhores resultados trouxe, pois é muito importante que os alunos se sintam agradados com aquilo que trabalham.

No primeiro questionário, os alunos não foram conclusivos em dizer em que manual tinham mais dificuldade de trabalhar, mas pareceram ser peremptórios ao dizer que era no de História que trabalhavam mais.

As fontes mais exploradas quanto a formato e tipo, segundo os dados dos questionários e entrevistas, foram as fontes escritas e secundárias. A informação é passível de poder afirmar que os textos e documentos presentes nos manuais e nas fichas de trabalho, apesar de mais difíceis para os alunos são excelentes transmissores e consolidadores de conhecimentos. Ao serem as fontes secundárias as mais utilizadas, mostram que os alunos não estão ainda bem familiarizados com os textos de época, sendo então as primeiras acima mencionadas as mais fáceis de utilizar e explorar. O documento escrito da época ou imagem (fontes primárias) revela maiores dificuldades aos alunos.

A fonte que a professora desta disciplina afirmou que utiliza mais e que os alunos entendem melhor quanto ao tipo de mensagem é a fonte convergente, pois foi assim que respondeu aquando questionada na entrevista. Na fase de implementação as fontes convergentes foram amplamente utilizadas nas aulas leccionadas por mim.

A professora de História, através da entrevista, confirmou estas percepções, mas reafirmou que na sua disciplina o manual não era a ferramenta mais importante, mas que era crucial. Esta afirma que outro tipo de fontes como os mapas, imagens ou textos adicionais são igualmente muito importantes para o ensino da História. O manual assume então uma importância sobretudo formal e reguladora entre o currículo e os alunos, pois pode ser o único meio que os alunos têm para aprender os conteúdos curriculares fora da escola.

Com todos estes dados, podemos concluir, contudo, que o manual não é o único meio utilizado nas aulas de História pelos alunos participantes neste estudo.

O uso de materiais como o PowerPoint ou os vídeos podiam ter uma presença mais assídua na disciplina, se não fossem as condições das escolas condicionarem em muito a utilização destes recursos. Aliás, as visitas de estudo não são uma constante também porque dependem muito da aprovação da administração central.

Neste sentido, uma parte da implementação do Projecto passou por fazer uma visita de estudo virtual para que os alunos tivessem uma percepção de visita de estudo dentro da própria sala de aula.

Por fim, verificou-se que os recursos adicionais dos manuais escolares de História são muito esquecidos, verificando-se que o manual em si continua a ter primazia nos exercícios e estudo dos alunos.

Com isto, ficam respondidas as perguntas /objectivos deste estudo para a História.

Os resultados das observações naturalistas em Geografia, questionários e entrevista, são ainda mais homogéneos entre si do que em História. Isto é, os alunos, o observador e professora de Geografia docente da turma onde decorreu e foi implementado o projecto não apresentam grandes variações nos resultados.

O tipo de fontes assinaladas nas observações naturalistas, que tinham mais uso nas aulas de Geografia era as fontes iconográficas. Imagens, gráficos e alguns esquemas parecem segundo este momento de observação ocupar um lugar cimeiro nas opções do ensino da Geografia. E foi exactamente isso que os alunos responderam nos questionários, onde afirmam que exploram muito este tipo de fontes, em grande detrimento das escritas onde dizem ter mais dificuldade. Aliás a professora de Geografia assinalou, que este tipo de recursos é mais objectivo, sendo logo mais facilmente compreendidos e assimilados. O manual não é na disciplina a principal fonte de informação para a professora. Esta assume que este é muito importante mas que procura outro tipo de fontes de informação como as fichas de trabalho, a Internet ou os Multimédia.

Efectivamente, os alunos desta disciplina assinalaram que esta disciplina tem um uso do manual muito mais baixo que a disciplina de História, o que se justifica dado os inúmeros recursos utilizados na sala de aula.

Em Geografia, uma das questões da implementação passou exactamente por fazer algumas fichas de trabalho relacionadas com fontes secundárias e iconográficas, para testar o à-vontade que os alunos e professora afirmavam ter. Em suma, a estratégia foi um sucesso pois apresentaram menos dificuldades em fazer estas fichas que também se faziam acompanhar de gráficos, do que as fichas de trabalho só com texto.

A assinalar ainda, que a entrevista realizada à professora de Geografia no que toca ao tipo de fontes quanto à mensagem afirmou que a compreensão dos alunos é

superior quando confrontados com fontes convergentes, mas quanto à utilização em sala de aula estas se repartem.

Os apêndices dos manuais escolares são muito usados nesta disciplina. Estes, foram mencionados na entrevista e os alunos quando questionados pelos professores insistiram que a utilização do caderno de actividades era muito mais utilizado em Geografia do que em História.

Outra das questões deste estudo foi indagar se os alunos compreendiam os manuais, se gostam de os explorar, se estes são a principal fonte de conhecimento na escola e na sala de aula.

A esmagadora maioria dos alunos afirmou que costuma explorar os manuais escolares, que estes são a principal fonte do seu conhecimento na escola, mas não na sala de aula. Aqui o professor, para eles, assume uma preponderância muito maior que os manuais escolares das disciplinas de História e de Geografia.

As fontes iconográficas assumem um papel primordial nas duas disciplinas, o que talvez já fosse expectável. A imagem tem potencial para ser uma importante fonte de informação, visto que o grafismo ajuda muito os alunos e sobretudo estimula-os.

Os alunos, segundo os dados levantados através dos questionários, não demonstram a percepção que os manuais escolares sejam explorados de forma diversificada. Contudo, alguns diferenciaram duas formas, inclinando as suas opções no trabalho em História para as fontes escritas e na Geografia para as fontes iconográficas.

Por fim, assinalaram ainda que os cadernos de actividades e outros recursos como as bibliografias adicionais são mais usados pelos professores de Geografia.

Como se pode observar, História e Geografia apresentam formas de abordar os seus manuais diferentes. Contudo, há convergências nas preferências dos alunos, que insistem que as fontes iconográficas são mais fáceis para aprender. Por seu turno, os professores tentam ajustar esta facilidade, indo por vezes tendencialmente para a exploração privilegiada de fontes de cariz iconográfica.

Esta situação sente-se sobretudo em Geografia, onde as fontes secundárias (artigos de jornais, revistas...) e convergentes se usam igualmente muito, tal como as fontes iconográficas. Em História, as fontes escritas e convergentes são os materiais dos manuais mais usados nas aulas.

Os recursos como os vídeos, PowerPoint e internet são também usados pelos professores, mas com pouca frequência dadas as condições ainda precárias, aos olhos dos dias de hoje, das salas de aula.

Os alunos gostam de usar os manuais escolares, que assumem para eles a quase totalidade da importância do estudo em casa, na escola e na sala de aula.

5.2- Implicações para o ensino da História e da Geografia

O presente estudo tornou-se pertinente para a minha acção no ensino da História e da Geografia, no sentido em que mostra a nu que estas duas disciplinas têm efectivamente diferenças no uso dos seus manuais escolares.

É possível agora, para os jovens que se formam como professores das duas disciplinas, verificar que tendências prevalecem na exploração do manuais escolares, quais os recursos mais utilizados nas duas disciplinas, e observar a reacção dos alunos perante tarefas que anteriormente assinalaram como mais estimulantes ao ensino da História e da Geografia.

O estudo pode ser pertinente, sobretudo, para que na leccionação destas disciplinas se façam escolhas reflectidas, contra a corrente daquilo que alguns assinalam à partida como correcto no que toca a explorar recursos.

Neste Projecto procurei, pelo menos, sinalizar algumas estratégias menos utilizadas, como a referente ao uso de visitas virtuais e verificar a partir das professoras orientadoras quais as fontes mais utilizadas quanto à mensagem (divergentes/convergentes), o que sugere que no futuro se possam explorar novas áreas.

Esta obra marca ainda a demonstração que a História e Geografia vivem para os seus docentes ainda muito agarradas às fontes ‘primordiais’, como é o quase da fonte escrita em História, a fonte iconográfica em Geografia e da fonte convergente nas duas.

Por fim, este estudo mostra a posição dos alunos face aos manuais de Geografia e de História. Esta indagação permitirá sobretudo aos professores irem mais facilmente ao encontro daquilo que os alunos têm mais dificuldade em explorar nas aulas de cada disciplina e aquilo que lhes dá maior prazer.

Outra das implicações é que com este trabalho pude constatar uma empatia dos alunos face aos manuais escolares, perceber como estes os vêem e, sobretudo, a importância que lhes dão enquanto fonte de estudo e ferramenta de trabalho.

5.3- Limitações do estudo

Tal como o nome do presente trabalho indica, este é um Relatório de Estágio, um breve estudo de caso no âmbito do meu Projecto de Intervenção Pedagógica. Por si só pode-se verificar que estes dados não puderam ser recolhidos e analisados de forma muito sistemática e em profundidade, dadas as limitações de tempo. Além disso, a natureza descritiva dos dados enuncia que estes não devem ser generalizados a outros contextos, pois podem diferir de alunos para alunos, de professores para professores e da visão de um ou outro investigador. Contudo, dado que os professores entrevistados já leccionam há muito tempo, os factos por eles apontados e o que observei nas suas aulas podem ser considerados como realidades de outros locais.

Outro ponto limitativo é que a posição dos alunos face aos manuais escolares se cinge à sua opinião sobre as disciplinas em questão, não se podendo generalizar a outras disciplinas.

Por fim outra das limitações do trabalho é a reduzida amostra de alunos participantes. Os dados obtidos têm que ser contextualizados com os perfis dos alunos participantes, que constituíam uma turma com bom aproveitamento escolar. Para consolidação dos resultados seria necessária talvez a contraposição com outra turma de perfil diferente, mas tal não foi possível devido ao facto de, enquanto estagiário, me ter sido atribuída apenas uma turma. Outros alunos, com outros professores podiam ter fornecido outro tipo de informação. Apesar disto, foi realizada uma entrevista-piloto a uma outra professora de Geografia e os dados recolhidos estavam em sintonia com os da professora cooperante de Geografia, participante no meu estudo.

Outra limitação a assinalar é a falta de informação nas observações naturalistas do tipo de fontes que as professoras/orientadoras usavam quanto à mensagem (convergentes/divergentes).

5.4- Resultado para o desenvolvimento pessoal e profissional

Este estudo foi sobretudo a continuação de um desenvolvimento de uma ideia que desde os meus primeiros contactos com manuais escolares se apresentava fixa. Essa ideia era que os manuais escolares apresentavam algumas tendências nítidas no seu uso e que as mesmas tinham de ser averiguadas.

Com a formação de Professor de História e de Geografia do 3ºciclo e Ensino Secundário a decorrer, vi que esta matéria que me suscitava algumas dúvidas podia tornar-se em mais um auxílio à minha leccionação. E foi o que aconteceu.

Este estudo permitiu-me perceber a lógica de exploração do manuais onde estava a leccionar e, sobretudo, ajudar-me enquanto estagiário a vê-los de uma outra forma, que não aquela que talvez muitos professores experimentados vejam, como um cego guia das orientações curriculares.

Ajudou-me a desenvolver melhores exercícios para os alunos, a perceber em que fontes se sentem mais à-vontade e com que materiais preferem trabalhar.

De uma forma geral, ajudou-me a crescer dentro do ensino, a subir alguns degraus na exploração dos manuais e na interacção dos alunos com eles.

Dada a bibliografia que li, este é um trabalho que me orientou no mundo dos manuais escolares, dos critérios da sua escolha, da sua legalidade e sobretudo das suas inúmeras funcionalidades. Sem dúvida, que o domínio que hoje começo a ter sobre estas matéria acima referidas se devem ao desenvolvimento deste estudo.

Referências Bibliográficas

Apple, M. W. (1998). *Educação e poder*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Apple, M W. (2002). *Manuais escolares e trabalho docente*. Lisboa: Didáctica Editora.

Barca, Isabel (2000). *O pensamento Histórico dos jovens*. Braga: CEEP, Universidade do Minho.

Bell, Judith (2004) *Como realizar um projecto de investigação*. Lisboa: Gradiva.

Carneiro, Roberto (direcção) (2004). *Geografia: a Europa e o Mundo*. Lexicultural. Lisboa

Castro, Rui; Rodrigues, Angelina; Silva, José; Sousa, M^a Lourdes (1999). *Manuais Escolares: Estatuto, Funções e História*. Braga,

Claudino, Sérgio, (1999). “*Portugal Continental ou um novo olhar sobre os manuais escolares de Geografia*” *Manuais Escolares: Estatuto, Funções, História*, 197-221

Costa, Maria Alves (2007). *Ideias de professores sobre a utilização de fontes dos manuais de História: Um estudo no 3º ciclo do Ensino Básico*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho

Dias, Paulo; Osório, António José (2008). *Ambientes educativos Emergentes*. Universidade do Minho.

Ferreira, Virgínia Fernanda (2009). *Dificuldades na Interpretação de Imagens presentes em Manuais Escolares de Ciências da Natureza Um estudo feito com alunos do 6º ano de Escolaridade*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.

Moreira, Maria Gorete (2004). *As fontes históricas propostas no manual e a construção de conhecimento histórico*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho

Marques, Bernardo Serpa (1999). “*Do livro único à diversidade dos manuais n disciplina de Geografia*” . Manuais Escolares: Estatuto, funções História, 317-325

Morgado, José Carlos (2004). *Manuais Escolares: Contributo para uma análise*. Porto: Porto Editora

Pais, José Machado (1999). *Consciência Histórica*. Oeiras: Celta

Silva, Ricardo Manuel (2007). *A construção do conhecimento Histórico a partir das actividades propostas pelos manuais: Um estudo com alunos do 2º Ciclo do Ensino Básico*. Braga. Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.

Tormenta, José Rafael, (1996). *Manuais Escolares: Inovação ou Tradição?*
Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 9-12/51-64

Valadares, Jorge (1999). “*A Ideologia dos Manuais Escolares*” , Manuais escolares; Estatuto, Funções, História, 515-527.

Legislação

Lei nº 47/ 2006 de 28 de Agosto artigo 3º

Lei de Bases do Sistema Educativo, artigo 41º ponto 2.

Anexos

Anexo I

Registo de observações naturalistas (História)



Universidade do Minho



Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches

História

Turma: F Ano:8º

Observação de aula

11/11/2009

A aula começou com a o ditar do Sumário aos alunos (Balanço do dia 6 de Novembro sobre a Colonização espanhola da América. / A colonização do Brasil. / Análise de mapas e documentos) que passaram os sumários para o Caderno Diário sem qualquer tipo de problema ou grande barulho. Aula teve início com a exploração do Manual Escolar onde se explorou através dos textos e documentos lá presentes questões como os povos que foram dominados pelos Espanhóis ou o estado Civilizacional dos Índios. Os alunos, neste momento da aula, pareceram estar muito interessados na matéria e até a conhecerem já pois o nível de conhecimento e as suas intervenções denunciam um vasto conhecimento sobre a matéria que supostamente é nova para eles. Contudo, não estarão meramente a reproduzir o que têm escrito no livro? Explorar o livro é um recurso capital e fundamental mas por vezes julgo que se incorre em percepções falsas do verdadeiro conhecimento temático dos alunos.

A aula continuou com a professora a Isabel a lançar perguntas sobre os exploradores portugueses e espanhóis. Mais uma vez a turma, de uma forma global, responde bem e até coloca algumas novas questões. Não há barulho nem desordem.

Na última parte da aula, foram distribuídos mapas para os alunos explorarem referentes à matéria leccionada hoje na sala de aula. O Mapa com a Viagem de Cristóvão Colombo acaba por ser “fácil” e os alunos conseguem decifrar tudo aquilo que lhes é pedido. Mais uma vez estes sabem muito bem a matéria. A exploração de Mapas pareceu um ótimo recurso a adoptar para quando se lecciona temas relacionados com viagens ou rotas.

De notar, que através da elevada performance dos alunos nesta exploração de um Mapa, pode-se afirmar que estes parecem muito à-vontade no trabalho de fontes icónicas.

De seguida um grupo de alunas explorou para a turma mais um documento do livro, fazendo com esse um jogo no quadro para completar com as palavras correctas.

Foi uma ótima exploração do documento, cativando a atenção dos outros alunos com a realização do jogo. Excelente estratégia.

Esta aula, muito gráfica, com várias imagens, veio mostrar que os alunos não sentem grandes dificuldades na exploração de imagens, decifrando facilmente as suas mensagens. A turma hoje teve um bom comportamento, sem grandes interrupções ou chamadas de atenção. Pena os alunos chegarem atrasados (a aula começa às 08:20) o que dificulta um pouco o arranque da aula.

O Estagiário: *João Lima*



Universidade do Minho



Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches

Ano Lectivo 2009/2010

História

Turma: F Ano:8º

Observação de aula

24/11/2009

A aula do dia hoje começou com o ditar do sumário (Conclusão do Sumário da Aula Anterior / Comércio Internacional) aos alunos que o passaram para os seus cadernos diários calmamente sem grande barulho. Esta estratégia parece funcionar bem com a professora Isabel Lima, pois não necessitou de escrever no quadro o sumário para que os alunos registassem os assuntos que iam ser abordados na aula.

Nesta aula os alunos continuaram a apresentar os trabalhos por si realizados sobre o Comércio Internacional. Os trabalhos no seu geral estavam muito bons. Contudo a aula foi interrompida pela professora para corrigir pequenos erros e para dar uma visão mais alargada da matéria. Esta interrupção, permitiu também fazer uma síntese da matéria o que veio-se a revelar capital para a sistematização dos conteúdos temáticos abordados. Embora a sistematização tenha sido excelente, alguns alunos aproveitaram para conversar e outros para brincar. Efectivamente não parece fácil, sistematizar uma matéria, o que obriga o professor a concentra-se bastante e controlar todas as outras variantes da sala de aula (nomeadamente o comportamento dos alunos) ao mesmo tempo. Em turmas pior comportadas ainda deverá ser pior.

A aula prosseguiu com uma ficha de trabalho que um grupo de alunos fez para a turma. Talvez porque foram os próprios colegas a fazer a Ficha de Trabalho quase ninguém a fez em casa. O grupo corrigiu a Ficha de Trabalho projectando um acetato na tela branca. Foi uma forma, a meu ver, boa do grupo de alunos chamarem à atenção dos outros alunos. Se o tivessem feito de forma oral, a correcção seria feita com muita confusão e barulho.

Já na recta final da aula, foram projectados alguns PowerPoint sobre a Colonização do Brasil. Enquanto se montava o aparelho de projecção o barulho intenso instala-se na sala de aula, mas com apenas uma chamada de atenção por parte da professora tudo voltou ao normal. O PowerPoint era muito rico em informação e em grafismo o que cativou os alunos que seguiam a projecção com muita atenção. Entretanto um dos aparelhos deixou de funcionar e a projecção ficou por ali, acabando a aula entretanto.

Aula cativante, rica em recursos e em diálogo professor-aluno.

O Estagiário: *João Lima*



Universidade do Minho



Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches

Ano Lectivo 2009/2010

História

Turma: F Ano:8º

Observação de aula

16/12 /2009

A aula começou com a o ditar do sumário aos alunos (Definição de conceitos sobre conteúdos leccionados na aula anterior. /hetero e auto avaliação.) Os alunos estavam um pouco agitados talvez por ser a última aula antes de irem de férias de natal. Efectivamente o sumário teve que ser repetido várias vezes. Os testes já tinham sido entregues e nota-se uma postura muito diferente na sala de aula por parte dos alunos.

A aula começou com a correcção de uma ficha de trabalho que estes estiveram a fazer na última aula. Quase ninguém fez, o que atrasou um pouco a sua correcção.

De seguida, partiu-se para o levantamento de ideias prévias sobre o tema da Colonização. A professora indagou os alunos sobre o conceito e os alunos começaram a falar. Apesar da postura relaxada, estes foram dizendo algumas palavras tais como: Dominar; Administrar; Povoar; Converter; Misturar; Intercâmbio de culturas, entre outros. Este levantamento, foi colocado no quadro em jeito de registo pois as ideias dadas pelos alunos sobre o tema estão correctas. Desta vez, num levantamento de ideias prévias os alunos ficaram com um registo escrito e não apenas com o registo oral, sempre muito mais superficial.

De uma forma geral estes reagiram bem à tarefa, embora se notasse que o ritmo destes alunos noutras épocas do ano é outro.

Depois disto, os alunos tiveram que identificar algumas zonas do globo que foram colonizadas, por quem, em que época e quais as principais marcas da colonização deixadas até hoje. Apenas alguns alunos responderam à tarefa. Nesta altura já se tinha instalado na sala de aula um clima de alguma confusão.

Depois de explicada a matéria, os alunos foram convidados a passar para o caderno os conceitos de Colonização e Aculturação. Estes foram ditados. Apenas alguns alunos os passaram, pois a avaliar pelo barulho nem todos os alunos seriam capazes de ouvir a professora. Talvez seria melhor os ter projectado no quadro, pois assim teriam de ler e não de ouvir, e até a professora teria mais certezas que estes passavam tudo.

De seguida passou-se para a hetero e auto avaliação onde os alunos “pediram” a nota que julgam ser justa pelo seu trabalho ao longo do primeiro período. Na sua maioria as notas correspondem às suas expectativas. As notas parecem altas e as negativas dadas pela professora, poucas.

O Estagiário: *João Lima*



Universidade do Minho



Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches

Ano Lectivo 2009/2010

História

Turma: F Ano:8º

Observação de aula

06/01/2010

A aula teve início com a professora a escrever no quadro o sumário da aula de hoje. Este foi: A Crise do Império Português no Oriente.

Depois deste momento, onde todos os alunos de uma forma geral passaram os sumários, passou-se para a correcção de um ficha de trabalho que já vinha do primeiro período. Devido ao factor férias, quase ninguém fez a ficha de trabalho. A forma como a professora Isabel Lima resolveu a questão foi, a meu ver, muito boa. Pôs os alunos, de forma oral a ler os documentos e perguntas da Ficha de trabalho e a resolvê-la naquele preciso momento. Assim todos alunos participaram, e a ficha não ficou mais um dia para trabalho de casa.

No momento seguinte da aula, passou-se para o levantamento de ideias prévias sobre as “Novas Regras do Comércio Mundial”. Aqui, os alunos puderam falar do que sabiam acerca do tema, ficando só seus registos escritos no quadro. Depois disto, a professora começou a explicar aos alunos, de forma expositiva, as novas regras do Comércio Mundial. Enquanto falava, dava alguma ênfase a alguns pormenores mais importantes e os alunos tiravam apontamentos do que lhes era dito.

Entrou-se nos segundos quarenta e cinco minutos da aula, na explicação da crise do Império Colonial Português. Aqui, enquanto a professora falava dos factores da crise, eu pedi para intervir na aula para explicar aos alunos o que foi a União Ibérica. Fui eu então, embora que de uma forma expositiva, expliquei aos alunos o que foi a União Ibérica. Foi a minha primeira intervenção na sala de aula, que vem de encontro do que me foi pedido pelas orientadoras para agora (2º Período) intervir e interagir mais nas aulas que estou a observar.

Por fim passou-se para uma ficha de trabalho, que consistiu na análise de um documento: Defesa da Liberdade dos Mares. De uma forma geral estes analisaram a fonte escrita com a alguma facilidade mas um grupo reduzido de alunos não conseguia perceber o texto. Para o explicar e em conjunto com a minha Orientadora circulamos pela sala para resolver as dúvidas dos alunos. Passou-se à correcção oral da ficha de trabalho onde os alunos inicialmente leram em voz alta o documento e só depois é que respondiam.

Esta aula, inicialmente expositiva, resultou ao nível das estratégias pois a análise do documento, foi uma boa forma de avaliar os conhecimentos adquiridos até ali ao longo da aula. A aula é marcada igualmente, pela minha primeira explicação aos alunos em contexto de sala de aula.

O Estagiário: *João Lima*



Universidade do Minho



Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches

Ano Lectivo 2009/2010

História

Turma: F Ano:8

Observação de aula

10/02/2010

Aula começou com a realização do Sumário: Continuação do sumário da aula anterior. Ficha de trabalho. O Humanismo.

O início da aula deu-se com a correcção da ficha de trabalho que tinha ficado para trabalho de casa. Os alunos na sua maioria fez a tarefa proposta, o que denota uma evolução face a tarefas idênticas noutros períodos do ano lectivo. Contudo, alguns não fizeram e outros não a trouxeram. Durante a sua correcção, algumas alunas mostraram grande interesse em corrigir a ficha de trabalho. A sua intervenção foi positiva mostrando já bons conhecimentos acerca da matéria. Aqui se pode observar que as fichas de trabalho, desde que devidamente orientadas e chamativas, são uma ferramenta de trabalho muito útil ao professor, pois é um excelente exercício de treino e de avaliação dos conteúdos e matérias a atingir.

Continuou-se com a exploração de alguns documentos fornecidos pela minha orientadora aos alunos. Estes exploraram sem grandes dificuldades os documentos e imagens presentes. Analisaram igualmente o livro. Falta apenas saber se os alunos não decifraram bem os documentos através do que vinha no livro. Fechar os livros enquanto se realizam estas tarefas, é um gesto muito importante a fazer pelo professor a meu ver. Assim os alunos podem estar meramente a copiar a informação do livro, não a adquirindo como pensamos.

De seguida passou-se para o tema do Humanismo, onde em diálogo aberto e construtivista os alunos tiveram a oportunidade de dizer à professora o que entendiam por humanismo. Através da professora estes puderam perceber no que consistiu o Humanismo. Esta fez um esquema no quadro explicativo, onde o homem é agora o centro de todas as coisas. O esquema foi passado para o caderno diário, em jeito de apontamentos.

Nesta aula os alunos portaram-se bem, embora alguns deles, os habituais, não perdessem uma oportunidade para fizeram barulho e destabilizar a aula. Com algumas ameaças de irem para a rua, os mais destabilizadores voltavam a uma postura correcta. Na minha opinião, nestas situações não há muito mais a fazer que a ameaça de expulsão ou um “9” na tabela do comportamento intervenções e atitudes.

As fichas de trabalho mostraram uma vez mais, que são um bom instrumento de trabalho, que põe os alunos a produzir e a pensar. Mas também aqui pude ver que os alunos têm de o fazer de livro fechado, para não incorrer numa solução fácil ao trabalho proposto, que normalmente é de muita interpretação de documentos ou imagens.

O Estagiário: *João Lima*

Anexo II

Registo de observações naturalistas (Geografia)



Universidade do Minho



Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches

Ano Lectivo 2009/2010

Geografia

Turma: F Ano:8º

Observação de aula

11/11/2009

A aula de Geografia do dia 11/11/2009 teve início com a resolução de um pequeno exercício do caderno de actividades sobre o clima. Depois de resolvido o exercício, a professora passou para a realização de um pequeno esquema no quadro sobre a pressão atmosférica. Os alunos inicialmente não perceberam mas depois de um segunda explicação conseguiram chegar até aos conteúdos pretendidos. O esquema a meu ver no quadro estava muito bem feito e foi bem explicado. Assim a professora pode prosseguir para a resolução de dúvidas para o teste escrito. Esta aproveitou o esquema no quadro para verificar se os alunos sabiam ou não a questão da Pressão Atmosférica. Este exercício servia igualmente de revisões.

De seguida, foi-lhes entregue uma ficha de trabalho a resolver na sala de aula e se não a concluíssem ali teriam de a concluir em casa. Alguns alunos conseguiram fazer a ficha de trabalho na sala. Esta ficha de trabalho veio a revelar-se capital, pois foi um óptimo ensaio para a ficha de avaliação que se avizinhava. Este tipo de recursos são bons para por a prova o que os alunos sabem e para os orientar nas matérias que virão para o teste.

Contudo os alunos do 8ºF à quarta-feira a tarde estão especialmente irrequietos, sem se perceber muito bem porquê. Talvez seja pelo facto de ser a última aula do dia, a última de um dia bastante sobrecarregado de aulas.

Inicialmente é preciso quase berrar para os por em ordem e aptos ao trabalho, pois alguns elementos da turma tudo fazem para boicotar o seu início. Apenas quando a professora falou que iam ter teste, alguns alunos ficaram em silêncio e se dedicaram à aula e à resolução das tarefas propostas. Alguns alunos chegam mesmo a trocar insultos entre si sem que a professora oiça pois está bastante ocupada a explicar as questões e variações do clima.

Um dos factores que julgo provocar a instalação do barulho na aula é o facto de a professora ter que se deslocar de um bloco longínquo ao de onde aula se processa, demorando algum tempo a entrar na sala. Quando eu chego estão num estado de permanente euforia, e não se tem revelado fácil de os manter em silêncio.

O Estagiário: *João Lima*



Universidade do Minho



Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches

Ano Lectivo 2009/2010

Geografia

Turma: F Ano:8º

Observação de aula

18/11/2009

Aula de Geografia do dia 18/11/2009 não começou muito bem. Os alunos Duarte e Bernardo questionaram a minha autoridade dentro da sala de aula quando eu os mandei calar e sentar no seu lugar enquanto a professora não vinha para aula. A aula começou com a professora a ditar o sumário aos alunos. Talvez fosse melhor escrevê-lo no quadro pois os alunos estão muito agitados. Depois disto, passou-se para o tema da aula que foi a Humidade Relativa e a Humidade Absoluta. Enquanto se abordava o tema, a professora ia fazendo perguntas aos alunos, o que se revelou particularmente decisivo em lhes captar a atenção. Sobretudo enquanto a professora falava.

De seguida passou-se para um esquema no quadro relativo à explicação dos tipos de humidade. Alguns alunos estavam atentos e outros completamente distraídos. Foi explicado o ponto de saturação e a fórmula para calcular a Humidade Relativa.

Depois de explicados estes conceitos, passou-se para a prática onde os alunos resolveram alguns exercícios referentes à matéria no caderno de actividades. Não me pareceu que gostassem muito do exercício. Julgo que eram pouco estimulantes. Dado esse facto, o Duarte continuava a perturbar todos os momentos da aula, e mal ela virava costas aproveitava para perturbar outros colegas que tentavam estar atentos.

Já no último momento da aula responderam a algumas questões do manual escolar relativas à formação de nuvens. Foi-lhe explicado então, como estas se formavam, quantos tipos, e que tipos de precipitação estas produzem.

A aula correu bem, a exposição por parte da professora revela-se a melhor das ferramentas para uma aula de 45 minutos, mas o barulho e o desinteresse de alguns alunos é algo que irá requer cautela quando eu for dar aulas a esta turma neste horário.

O Estagiário: *João Lima*



Universidade do Minho



Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches

Ano Lectivo 2009/2010

Geografia

Turma: F Ano:8º

Observação de aula

06/01/2010

Aula de Geografia de hoje começou com o escrever do sumário pela parte da professora. O sumário foi: continuação da elaboração de um gráfico termopluviométrico. Caracterização de climas quentes.

No momento inicial da aula os alunos foram convidados pela professora Fátima Marques a concluir os gráficos que tinham iniciado na última aula. Quase ninguém tinha feito mais nada em casa, outros até do papel milimétrico se esqueceram de trazer para a sala de aula.

À luz do que me tinha sido pedido para este segundo período nas aulas de observação, comecei a circular pela sala a ajudar os alunos a construírem o gráfico, pois alguns deles tinham muita dificuldade em interpretar a folha que lhes foi distribuída com os valores a aplicar na construção do gráfico. Os alunos, a meu ver, reagiram muito bem à minha ajuda pois solicitaram-me várias vezes para os ajudar na realização da tarefa. Sob o meu ponto de vista este exercício é fundamental para que possam realmente aprender a construir, ler e interpretar gráficos termopluviométricos. Efectivamente a é preciso materializar o que aprenderam, e esta é a melhor forma de sistematizar este conteúdo. A componente prática parece capital em Geografia. Sobretudo na Geografia Física.

A segunda parte da aula consistiu em a professora através dos exemplos do livro explicar aos alunos as características dos climas quentes e em dizer também quais e quantos são. O livro foi a fonte da explicação, onde os alunos seguiam religiosamente o que ela ia dizendo, ou pelo menos a maioria. O livro é um recurso rico e normalmente chamativo dado o grafismo. Nesse caso, pareceu-me difícil arranjar melhores exemplos em outros recursos ou ferramentas de trabalho para explicar aos alunos as diversas características de climas como o Equatorial; Tropical Húmido; Tropical Seco; Desértico.

Para a avaliação destes conteúdos por parte dos alunos, foi distribuída uma ficha de trabalho para identificação dos vários tipos de clima.

A meu ver, foi uma aula boa dado que foi muito prática. O ultrapassar da teoria em Geografia pode ser a “chave” para o sucesso de todos os alunos na disciplina.

O Estagiário: *João Lima*



Universidade do Minho



Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches

Ano Lectivo 2009/2010

Geografia

Turma: F

Ano:8º

Observação de aula

20/01/2010

A aula de hoje foi de Introdução ao Tema: População e Povoamento

A professora começou por recordar alguns conceitos ligados ao tema geral como o conceito de Natalidade; Mortalidade; Crescimento Natural; Saldo Migratório, etc. os alunos como já tem sido hábito nestas aulas à quarta-feira à tarde estão bastante inquietos e desatentos só pensando em brincar dentro da sala de aula.

Primeiro foram questionados se ainda se lembravam destes conceitos. Em conjunto professora e alunos, começaram a definir os conceitos que em cima referi. Pena que só alguns os faziam. Digo pena, pois o recordar de alguns conceitos directamente relacionados com a matéria nova mas já dados em momentos anteriores, é a melhor forma de começar um tema novo, pois o recordar, é excelente para um melhor enquadramento ao tema.

De seguida foi-lhes explicado como é que a Demografia trabalha. Foram-lhes explicados, ainda que de forma oral, os processos de recolha de dados, de análise e interpretação de dados geográficos, capitais para a Demografia. Apesar de ser um tema novo e até interessante, pois é mais acessível que último que eles tinham dado, os alunos não mostravam grande interesse e alunos como o Duarte ou o Miguel aproveitavam para fazer algum burburinho na sala de aula.

Foram distribuídos alguns dados estatísticos sobre a população, e os alunos tinham de os interpretar à luz de uma lista que lhe tinha sido entregue. Circulei pela sala de forma a ajudar os alunos, e estes se mostraram bastante solicitantes.

Quase no final da aula foi distribuída uma ficha que falava dos Censos para os alunos em jeito de trabalho de casa analisarem o documento responderem às questões, para serem debatidos na próxima aula.

Bons recursos para a aula e excelente forma de iniciar um tema, marcaram sem dúvida esta aula. O barulho de fundo continua difícil de controlar, dada a emoção de saberem que o dia de aulas acaba ali.

O Estagiário: *João Lima*



Universidade do Minho



Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches

Ano Lectivo 2009/2010

Geografia

Turma: F Ano:8

Observação de aula

26/01/2010

A aula de do dia 27/01/2010 de Geografia começou com a resolução da Ficha de Trabalho relativa aos censos. A correcção da Ficha de Trabalho foi feita oralmente. Nem todos os alunos fizeram a tarefa, mas na sua maioria cumpriram o trabalho proposto. A correcção foi feita debaixo de algum burburinho, e só quando a professora interveio é que estes baixaram o tom e aula teve condições para prosseguir.

De seguida ditou-se o sumário da aula: Os Indicadores Demográficos. Aqui foram trabalhados indicadores como a Natalidade, a Mortalidade e a Mortalidade Infantil. Forma explicados oralmente, mas as respectivas fórmulas de cálculo foram escritas no quadro preto para melhor assimilação e registo da matéria por parte dos alunos.

Ao longo da explicação estes não revelaram grandes dificuldades quanto aos conteúdos. Talvez por os já conhecerem do ano passado, ou então porque é um tema corrente e actual.

Para a explicação dos indicadores demográficos, a professora recorreu ao manual escolar adoptado para a análise de alguns gráficos e outras imagens. Por vezes essas figuras, mapas e gráficos eram interpretados em conjunto com os alunos, para estes puderem participar na construção do seu próprio conhecimento. O nível de participação e vontade participar é muito dispare na sala de aula. Se nas duas filas do meio se situam os alunos mais participativos, nas extremidades da sala estão os alunos que mais perturbam e se desinteressam pela aula. Julgo que uma reformulação na planta da sala poderia resolver ou pelo menos amenizar alguns problemas de atenção e até de comportamento do 8ºF.

A exploração do manual, a meu ver revelou ser uma boa estratégia para chegar aos conteúdos. Boas imagens, bons gráficos, mas sobretudo é a exploração da principal ferramenta de estudo dos alunos em casa. Ao se trabalhar esta ferramenta com alunos parece-me que a professora conseguirá obter resultados mais sólidos no que toca a conhecimentos dos alunos.


A correcção da ficha de trabalho de forma oral, foi neste caso suficiente dado o nível de dificuldade da mesma. Escrever no quadro poderia atrasar em muito uma aula que já começa atrasada e só tem quarenta e cinco minutos. A meu ver, foi uma aula que resultou bem.

O Estagiário: *João Lima*


Anexo III

Questionários (1 e 2)

Questionário 1

<p>Universidade do Minho</p>  <p>Universidade do Minho</p>					
<p>Projecto de Intervenção Pedagógica "Tendências no uso dos Manuais Escolares de História e Geografia"</p>	<p>Universidade do Minho EB 2,3 Francisco Sanches Turma de aplicação: 8°F</p>				
<p><u>Responde ao seguinte questionário</u></p>					
Costumas explorar os manuais durante as aulas?	<table border="0" style="width: 100%;"><tr><td style="width: 50%; text-align: center;">Sim</td><td style="width: 50%; text-align: center;">Não</td></tr><tr><td style="text-align: center;"><input type="checkbox"/></td><td style="text-align: center;"><input type="checkbox"/></td></tr></table>	Sim	Não	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sim	Não				
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>				
Quando estudas em casa usas preferencialmente o Manual Escolar?	<table border="0" style="width: 100%;"><tr><td style="width: 50%; text-align: center;">Sim</td><td style="width: 50%; text-align: center;">Não</td></tr><tr><td style="text-align: center;"><input type="checkbox"/></td><td style="text-align: center;"><input type="checkbox"/></td></tr></table>	Sim	Não	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sim	Não				
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>				
Se sim porque? _____					
Consideras o teu manual escolar a principal fonte de conhecimento nas aulas?	<table border="0" style="width: 100%;"><tr><td style="width: 50%; text-align: center;">Sim</td><td style="width: 50%; text-align: center;">Não</td></tr><tr><td style="text-align: center;"><input type="checkbox"/></td><td style="text-align: center;"><input type="checkbox"/></td></tr></table>	Sim	Não	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sim	Não				
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>				
Utilizas o manual como principal fonte informação na escola?	<table border="0" style="width: 100%;"><tr><td style="width: 50%; text-align: center;">Sim</td><td style="width: 50%; text-align: center;">Não</td></tr><tr><td style="text-align: center;"><input type="checkbox"/></td><td style="text-align: center;"><input type="checkbox"/></td></tr></table>	Sim	Não	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sim	Não				
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>				
Se não, indica as que utilizas? _____					
Normalmente, entendes a forma como os manuais de História e Geografia estão organizados?	<table border="0" style="width: 100%;"><tr><td style="width: 50%; text-align: center;">Sim</td><td style="width: 50%; text-align: center;">Não</td></tr><tr><td style="text-align: center;"><input type="checkbox"/></td><td style="text-align: center;"><input type="checkbox"/></td></tr></table>	Sim	Não	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sim	Não				
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>				
Sentes dificuldades na sua exploração?	<table border="0" style="width: 100%;"><tr><td style="width: 50%; text-align: center;">Sim</td><td style="width: 50%; text-align: center;">Não</td></tr><tr><td style="text-align: center;"><input type="checkbox"/></td><td style="text-align: center;"><input type="checkbox"/></td></tr></table>	Sim	Não	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sim	Não				
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>				
Se sim, quais? Dá exemplos distinguindo as duas disciplinas. _____					

Questionário 2

Universidade do Minho		12/05/2010
		
<small>Universidade do Minho</small>		
Projecto de Intervenção Pedagógica "Tendências no uso dos Manuais Escolares de História e Geografia"		Universidade do Minho EB 2,3 Francisco Sanches Turma de aplicação: 8°F
<u>Responde ao seguinte questionário</u>		
	Sim	Não
Quando utilizas o Manual Escolar como fonte de informação privilegas alguma fonte (imagens, textos)?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Se sim, indica qual privilegas mais em História e em Geografia. _____		
Consideras que os Manuais de História e Geografia são explorados de forma diferente?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Se sim, indica algumas diferenças. _____		
Recursos como o PowerPoint, Vídeos, Imagens ou Esquemas são os principais complementos aos manuais?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Em que disciplina (História ou Geografia) consideras que eles são mais importantes? _____		
E mais utilizados (História ou Geografia)? _____		
Na tua opinião, os Manuais Escolares privilegiam algumas matérias?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Se sim, em que disciplina sentes mais isso (História ou Geografia)? _____		
Costumas explorar o Caderno de Actividades dos teus Manuais Escolares de História e Geografia?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Se sim, qual utilizas mais (História ou Geografia)? _____		
De uma forma geral, gostas de explorar os teus Manuais de História e Geografia?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Anexo IV

Guião de entrevista

Guião de entrevista



Universidade do Minho

Entrevista

Agradeço todas as dificuldades que enfrentei; não fosse por elas, eu não teria saído do lugar. As facilidades impedem-nos de caminhar. Obrigado pela vossa colaboração no meu trabalho.

1) Quando trabalha com os manuais escolares em sala de aula que fontes privilegia mais?

- a) Fontes primárias/ Fontes secundárias?
- b) Convergentes / Divergentes na mensagem?
- c) Dê exemplos

2) Quais as fontes que julga que os alunos compreendem melhor na sua disciplina?

- a) Fontes Primárias/ Secundárias?
- b) Convergentes/ Divergentes?
- c) Escritas/ Iconográficas?
- d) Justifique

3) Considera o Manual Escolar a principal fonte de informação das suas aulas?

- a) Que razões existem para tal?

4) Que outro tipo de recursos complementares utiliza mais nas suas aulas?

- a) PowerPoint/ Vídeos
- b) Fornecimento de bibliografia adicional?
- c) Visitas de estudo
- d) Outros (indicar)
- e) Com que frequência? Anual? Trimestral) Semanal? Diário?

5) O caderno de actividades costuma ser explorado nas suas aulas?

- a) Qual a maior utilidade do caderno de actividades para o aluno?
- b) Porquê?